

FOGUETAÕ

SEMANARIO JUVENIL PARA O ANO 2000

AVENTURAS
DO CAPITÃO MARTE

“O PLANETA DESCONHECIDO”



O DR. GALILEU TINHA RAZÃO! TUDO SE PASSOU COMO TINHA SIDO PREVISTO!



LIVRA!



É ESQUISITO! ESTA FLOR MORDEU-ME!



O Capitão Marte, acompanhado pelo fiel Foguete e pelo general Morção, desembarca no planeta desconhecido TERRA 2, enquanto os restantes membros da expedição permanecem a bordo da nave espacial ANASTASIA. Mas a chegada dos três companheiros tinha sido observada, sem eles o suspeitarem...



CONTINUA

Ja alguém disse que nós, os portugueses, temos uma «indústria» única no mundo: a de «fazer horas»... Se a afirmação é injusta, ao atribuír-nos erradamente um monopólio, não deixa, no entanto, de ser verdade que está muito nos nossos hábitos o de «fabricar» de horas. Basta ver as pessoas paradas pelas esquinas ou à porta das lojas.

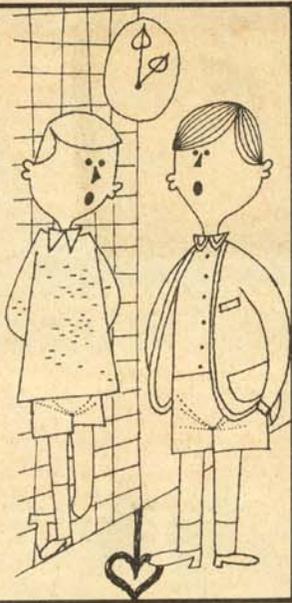
Agora, em férias, os rapazes têm todo o tempo livre. Ganharão bem — se trabalharem durante o ano lectivo... — este período maravilhoso. Por isso, brincam, pulam, tomam banho, dão passeios, organizam jogos, lêem romances e o «Foguetão», etc., etc. Mas há, por vezes, durante o dia — nós ainda não nos esqueçamos, por completo, da nossa mocidade — certas horas vazias em que não se sabe que fazer, em que se boceja por tudo e por nada. Todos os divertimentos estão estafados, não há livro que prenda a atenção, as horas nunca mais passam!

— Ah! (chega-se a pensar...) Como é bem melhor o tempo das aulas!

E aí está chegada a tal altura de «fazer» horas — para o banho, para o jantar, para a soneca.

— Ora bem! E se aproveitasses esse tempo perdido praticando qualquer acto generoso, qualquer boa acção, que ficasse, depois, a assinalar esse dia? Não precisamos de dar-lhes sugestões. Têm imaginação muito superior à nossa. E sabem que há sempre um rapaz doente no povoação, outro que partiu uma perna, um terceiro que perdeu o ano... Pois vão visitá-los, vão conversar e brincar com eles ou trocar impressões sobre as disciplinas em que eles não alcançaram os terribes 29.

Hão-de ver depois, como ficam muitíssimo satisfeitos. E nunca, nunca mais, saberão o que é tempo perdido — porque tudo terá sido, para todos, tempo bem ganho.



O NOSSO INQUÉRITO DO MUNDO NO ANO 2000

E a avalanche continua, não pára. Dir-se-ia que todos os rapazes e todas raparigas portuguesas quiseram provar-nos que não se conservam alheios à evolução do mundo em que vivemos, que sabem, que antevêm o que será o Mundo no ano 2000. Das cartas recebidas e porque — como já temos dito — não é possível publicá-las todas na íntegra, vamos dar algumas das mais sugestivas passagens.

Assim, o José Augusto dos Santos Lomba, de 15 anos de idade, aluno liceal, diz-nos: «Os aviões voarão à velocidade do som e a mais. Não haverá tempo de comer. O alimento será dado em bebidas e estas servidas automaticamente, por meio de botões em que se carregará».

Por seu lado, o Jorge Manuel Moreira Lello, que tem 18 anos e frequenta uma escola industrial, do Porto, afirma que: «O desenvolvimento das ciências mecânicas em favor da navegação será algo de admirável. A turbina será a máquina do futuro e a Marinha tanto de guerra como mercante desenvolver-se-á de forma inacreditável».

O António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, de 12 anos, aluno do liceu D. João III de Coimbra, não recusa afirmar: «No ano 2000, a Terra será apenas o local de habitação do homem. A população terá crescido tanto, que será preciso estabelecer em Marte, em Vénus, na Lua e nos anéis de Saturno, campos onde serão cultivados os alimentos de que necessitamos».

Reparem nesta afirmação do António de Oliveira Cabral Silveira, de 14 anos, aluno do Liceu Camões: «No ano 2000 reinará a paz em todos os países e as armas atómicas serão usadas noutros fins que não sejam o da guerra, como por exemplo na exploração de regiões muito frias ou de regiões vulcânicas».

Parabéns a estes nossos amigos que com tão arrojada visão nos dizem as suas profecias. Para o futuro. Oxalá acertem e o mundo seja no ano 2000 um mundo de paz, de progresso e de fraternidade entre os homens.

FOGUETÃO SEMANÁRIO JUVENIL

DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Matta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

NÓ ANO 2000, NÓS, OS ESTUDANTES, TEREMOS QUE ESTUDAR CADA VEZ MAIS

— diz o António Manuel Freitas Vilar



É de crer que no ano 2000, nós os estudantes, tenhamos que estudar cada vez mais, para sermos alguém.

A vida será muito menos preocupada, pois que haverá máquinas de construção inacreditável, afim de satisfazerem as nossas exigências, como por exemplo: carregar num botão e ci-lo, o tinteiro à nossa frente, ao passo que uma outra máquina pega na caneta e enchec-a.

Quando nos dirigirmos para o liceu, não haverá o mínimo de preocupações, porque um tapete rolante nos levará até à porta sem um único desastre.

Passemos agora para a vida útil. As crianças desaparecerão por completo, facto que já se está a realizar e serão substituídas por máquinas para limpar, passar a ferro, para lavar, para fazer a comida e ainda para nos transportar de uma dependência para outra.

António Manuel Bizarro de Freitas Vilar. Idade: 12 anos. Aluno do Liceu Camões

A PAISAGEM DE CERTA CIDADE

— evocada pelo Onofre Martins Varela



Tudo à nossa volta é completamente diferente da paisagem de hoje. Seguimos por uma larguíssima avenida em cujo centro se estende um comprido jardim, onde abundam as mais raras flores, perfumando e purificando o ar.

A par dos larguíssimos passeios, altíssimos arranha-céus se elevam no espaço. Por todos os cantos, os altos nas paredes dos grandiosos edifícios, que não são feitos de tijolo, nem de pedra, nem de cimento, mas de uma matéria que mais parece aço, encontram-se pequenos receptores de rádio, que não se cansam de lançar, durante todo o dia, a euforia da sua música, tornando o ambiente alegre, diferente...

Os pés passam em grande quantidade participando daquela euforia. Trajam duma maneira diferente, uma espécie de camisa sem colarinhos e sem botões, justa ao corpo, umas calças justas à perna, e umas botas magnéticas, de camo até ao joelho. Uns em cabelo, (especialmente o sexo feminino), outros com uma touca tapando o cabelo e as orelhas.

Nas estradas, a toda a velocidade, veículos de forma achatada passam

a cinco metros do solo, graças a uma bolsa de ar comprimido. Os seus passageiros e tripulantes vão quase detidos. Há meios de transporte aéreos, terrestres, subterráneos, marítimos e submarinos.

O clima é confortável, não há frio nem calor, graças à «Máquina do tempo», um satélite de forma triangular, que regula o tempo, mantendo-o sempre à mesma temperatura. O espaço é povoado por milhares de satélites e foguetões, nas suas trajetórias, de comércio, turísticas, e, por vezes, de guerra. Nos campos espaciais, levantam voo as grandes naves interplanetárias, em direcção a outros planetas, transportando turistas e até colonos, que irão arriscar as suas vidas, povoando novos mundos, lutando com os maiores e mais horrorosos perigos do espaço, e contra habitantes de outros planetas, que serão mais avançados na ciência, e por várias vezes nos vencerão... Tudo isto para alargar a Humanidade.

Onofre Martins Varela. Idade: 16 anos. 2.º ano (curso nocturno), na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis — Porto

NO SÉCULO XXI SERÁ POSSÍVEL O QUE HOJE É IMPOSSÍVEL E O QUE OS NOSSOS AVÓS NEM SEQUER IMAGINARAM

— afirma o Alberto Bernardes Costa



Tendo em conta a alucinante velocidade do progresso científico nos últimos anos e a crescente aceleração dessa mesma velocidade, creio não ser fantasia inultra-passível no século XXI o que hoje é impossível e o que os nossos avós nem sequer imaginaram.

Assim, as teorias que hoje refutam-nos serão no Amanhã ultrapassadas: Einstein, Plauk e Broglie ver-se-ão assim reabilitados e, em certo ponto, também ultrapassados.

Por outro lado, o que hoje achamos verdadeiro e compulsivos com os nossos próprios sentidos e intuições, será no ano 2000 desmentido categoricamente.

Tudo nos leva, pois, a crer que no século XXI as pessoas (em cujos caracteres fisidnómicos talvez já não se possa adivinhar o homo sapiens, agora sapientissimo, do séc. XX) andarão munidas dum cérebro electrónico que funcionará com muito mais rapidez e precisão do que a nossa massa encefálica, e sem a mínima fadiga.

Os meios de transporte serão reduzidos como que ao nada. O cérebro electrónico, de que falei, telemandará

é fabricará instantânea e oportunamente centros de gravidade que permitirão uma deceleração tão rápida quanto a capacidade atractiva do centro criado.

Tal como agora se usam os receptores e os transmissores de ondas sonoras, usar-se-ão então os receptores e os transmissores de matéria desintegrada em radiações, de um lugar para outro, com a maior rapidez e facilidade.

Os raios Z, então já inteiramente conhecidos, permitirão ver todas as cenas do passado e do futuro, por meio de ondas luminosas emitidas a velocidades milhões de vezes superiores à da luz em absoluto.

A par destas maravilhas, para nós, haverá tudo o que se possa imaginar (note-se que o impossível de hoje é amanhã possível e o inimaginável de hoje é amanhã impossível).

E o mais? O mais está guardado num cofre a sete chaves fechado com detonadores e campanhas de alarme, onde nem a imaginação entra e onde só reinam Deus e o Destino.

Alberto Bernardes Costa. Idade: 13 anos. 3.º Ano Liceu Nacional de Leiria

FOGUETÃO PASSA À ESCUTA E RESPONDE...

Rato (Lisboa) — Não tenho prevista — por agora — a publicação de qualquer série de Walt Disney. Mas pode ser que um dia...

Augusto Vieira (Lisboa) — Muito grato ao seu interesse pelo

«Foguetão», devo no entanto informar de que não encaro por enquanto a possibilidade de publicar folhas de construção, trabalho que a maioria dos nossos leitores não tem paciência para levar a cabo.

José João Barreto (Abrantes) — Um abraço, rapaz! É natural que um belo dia voemos para a selva. Por agora estamos muito ocupados com os heróis das séries que temos em publicação.

Helena Corrêa Mendes (Lisboa) — Com muita pena (e é mesmo inútil dar-te os endereços dos artistas de cinema. Pela actual mecânica da sua actuação nos estúdios, eles andam constantemente de firma para firma e de país para país, motivo por que não vale a pena escrever-lhes. Um abraço.

Fernando Ribeiro dos Santos (Lisboa) — Gostaria muito de te fazer a vontade, mas não é possível publicar em folha solta o boletim do concurso. Uma ideia: por que não compras dois exemplares do Foguetão?...

Carlos Augusto S. Pereira (Cabo Verde) — Caríssimo amigo, não calculas como fiquei satisfeito com a tua carta de longos. Sá é pena — e não é culpa tua nem nossa — que as saudades não cheguem a tempo de entrar no concurso. Não te aborreças, no entanto, porque em breve teremos um grande concurso de colaboração dos leitores — contos, reportagens, desenhos, fotografias, etc. — a que de certo não deixarás de dar a tua presença, pois o prazo será suficientemente amplo.

Fernando Ferreira Gaspar (Damaia) — Decerto já deves ter visto o teu nome na lista dos decifreadores, publicada no número 5. Sempre às tuas ordens.

E por hoje... Abraços para todos. Piloto-Chefe.

os nossos livros

Hornblower, tenente da Marinha, de Cecil Scott Forester — Edição da Portuguesa Editora.

Mais um volume, um excelente volume da «Biblioteca dos Rapazes» e mais um palpitante romance de aventuras do nosso já conhecido Hórcio Hornblower, que acompanhamos quando aspirante e vamos encontrar tenente da Marinha Inglesa. Agora a bordo do «Renown», que tem por missão destruir um ninho de piratas na ilha de S. Domingos, Hornblower prova-nos que é um homem já amadurecido nas lides do mar, cheio de audácia e iniciativa. Um livro que os jovens com mais de doze anos gostarão de ler. Capa de Mário Henriques.

Horizontes Brancos, de Charles Kervern — Edição da Portuguesa Editora — E eis mais dois jovens com os rapazes que têm também já travaram conhecimento num volume anterior: «Rumo: Norte, 88 Este». Tiago e João Pedro partem agora para a pesca à baleia, que se lhes afigura uma brincadeira, uma terrível brincadeira de crianças. Como irá acabar tudo aquilo? Esperemos que seja pelo melhor... Todos os rapazes de mais de 8 anos lerão com agrado e proveito este emocionante romance. Capa de Infante do Carmo.

CONCURSOS DO «FOGUETÃO» RESULTADOS DO NÚMERO 6

VENCEDOR DA SEMANA: EDUARDO JORGE DE SOUSA CALHAU

Segunda Volta, segunda etapa! Regista-se o mais numeroso pelotão nos 20 PONTOS até hoje verificado!

Novos concorrentes se vêm juntando a estas competições, e é de notar a persistência dos... «veteranos». A luta pela conquista da nova Medalha de Prata torna-se verdadeiramente renhida! Mas vamos aos resultados:

Os três livros policiais atribuídos nesta prova couberam a Eduardo Jorge de Sousa Calhau, residente na Rua Carlos Mardel, em Lisboa.

A melhor definição da Palavra Misteriosa foi dada pelo concorrente António Dias de Figueiredo, de Coimbra.

«Stromboli» — Vulcão situado nas ilhas de Lipari, ao largo da Sicília, no Mediterrâneo. Há nestas ilhas dois vulcões ainda em actividade, o Stromboli e o Vulcano. Os carti-gones tiveram aqui uma base naval durante as guerras Pónicas. Os romanos, e depois Mussolini, usaram-nas para desterro de prisioneiros.

Outras classificações: 20 PONTOS:

Joaquim Rui de Sá Dias, António Alberto da Silva, Manuel Mário Correia de Almeida, Edu-

ardo Maria de Sousa Pereira, António de Faria Cardoso, FCI, A. H. Oliveira, Himalaya, Inspector «Gato», Raul Governo, Manuel Alberto dos Santos, Pedro Duarte Rodrigues, Agente Secreto, Magda Bigotte de Figueiredo, Pedro Luis Grilo, Frisco, Zé & Berta, Luis Filipe Ataíde Rodrigues Dias, Inspector Ab Ovo, Manuel Júlio Marques Barbosa e Silva, José Manuel Velloso de Sousa, Xenmy Caution, Inspector Quartau, Zé Ninguém, Abílio António Resende de Figueiredo Pimenta, Jorge Alexandre Brito de Sequeira Carvalho, Fernando Calado Santos, Jocar, Luis Fernando Casanova Ramalho Guerra, Inspector Ramon, Gonçalo José Pires de Carvalho, Davide Castro Dias, António Dias de Figueiredo e Little Jo.

19 PONTOS

Eugénio Amândio Trigo, António José Portela Duarte, Sexton Blacke, Nuno F. Pires, Mário Gabriel Bonito, Gabriel Jorge Mendonça de Moura Leite, João Rosa Lã, Fernando Lima Simões, Maria Manuela Amorim, António de Barros Lima Guerreiro, Zé Quim, Skeleton and Cia., Joaquim Fernando Corção Duarte, João Wemans, H. de Albuquerque, Nelson de Melo de Oliveira, Miguel Frederico de Mendonça de Moura Leite, Rodrigo José

Troullioud Marim, Arnaldo Jorge de Paiva Cruz Costa, Francisco José de Mello Rodrigues Victorino, Emanuel de Jesus da Cruz, Fernando Alberto Correia Malheiro da Silva, José Oliveira Soares, António Carlos Paneiro, Carlos Alberto Moreno, João Manuel Eugénio Branco Lisboa, Carlos Manuel Eugénio Branco Lobo, Ernesto Vítor Marques Lobo, Alberto Arons de Carvalho, Jorge Alves Pires, Repórter Espacial, Rui Manuel Sequeira Lopes, Nuno Chambers de Campos, Carlos António Marques da Silva, Celso José Marques da Costa, Duo K, Inspector Bias, António Augusto Tavares Fernandes, António Oliveira Moniz Barreto, Játivi, Fernando Augusto P. Panão, José Herculano Pires Chorrão de Carvalho, Pedro Manuel Coral Costa, Luis Moreno, Inspectores X e Z, Mário António de Jesus Neto, Miguel Vasco Crespo da Costa Simões, Francisco Manuel da Serpa Brandão, Manuel Vasconcelos, Luis João Silva Mateus, Vítor Manuel Lourenço, Henrique Manuel Barreto Nunes, Detecive Trolaró, José Agostinho Baptista Leitão, Pina e Manuel José Cordeiro Ferro.

17 PONTOS

Inspector Arcadievitch, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, Orlando da Fonseca Cabri-nha, Jorge Raimundo Custódio, João Luis Martins de Matos Vítor Manuel Duarte Torres e António Manuel Maria Neto e Neves.

16 PONTOS

Carlos Daniel Gonçalves, Evaristo de Oliveira Ferreira, José Manuel Geraldes de Oliveira e José Manuel Fanha Vicente.

14 PONTOS

Abílio de Sousa Brandão.

13 PONTOS

L. H. Pitto.

10 PONTOS

Carlos Andias da Silva Carvalho, Maria Ermelinda Duarte, Miguel Andrade Tavares Silva, Forca, D. Ralph Kay, Sherlock Amador, Amândio António Sousa da Cunha, Avelino Corbal Simões de Azevedo, Inspector Interplanetário, Vítor Dias da Silva, Manuel Ferro Menezes, José Maria Santos de Oliveira, Augusto Oliveira da Mota, José Gaspar, Alexandre Campos Romeiras, Somar, Rui Moniz, Eloi, Carlos Augusto Marques Boto, Topa-Tudo, Bastião José Martins, Luis Artur de Moura

18 PONTOS

Pedro Laranjeira, João do Nascimento, De Factus, Fernando Reis Faria, António Alberto dos

Santas Ramalho, Manuel Jacinto de Brito Palma Nobre.

17 PONTOS

Inspector Arcadievitch, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, Orlando da Fonseca Cabri-nha, Jorge Raimundo Custódio, João Luis Martins de Matos Vítor Manuel Duarte Torres e António Manuel Maria Neto e Neves.

16 PONTOS

Carlos Daniel Gonçalves, Evaristo de Oliveira Ferreira, José Manuel Geraldes de Oliveira e José Manuel Fanha Vicente.

14 PONTOS

Abílio de Sousa Brandão.

13 PONTOS

L. H. Pitto.

10 PONTOS

Carlos Andias da Silva Carvalho, Maria Ermelinda Duarte, Miguel Andrade Tavares Silva, Forca, D. Ralph Kay, Sherlock Amador, Amândio António Sousa da Cunha, Avelino Corbal Simões de Azevedo, Inspector Interplanetário, Vítor Dias da Silva, Manuel Ferro Menezes, José Maria Santos de Oliveira, Augusto Oliveira da Mota, José Gaspar, Alexandre Campos Romeiras, Somar, Rui Moniz, Eloi, Carlos Augusto Marques Boto, Topa-Tudo, Bastião José Martins, Luis Artur de Moura

Torres Fontes, Almoravidas, Piloto Mistério, Friedrich Sobotta, Israel Eitner, José Manuel Guedes Freire, Amândio António Cruz, Inspector Yard, José Augusto Santos Lomba, Pedro Mário Freitas Marques, Aníbal Boto de Jesus, José Duque «Shower», Inspector Varatojo Júnior, Vasco Ramos e Sousa, Sálvio José Azevedo Nora e Gualter Mendes Queiroz Cunha.

17 PONTOS

Inspector Arcadievitch, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, Orlando da Fonseca Cabri-nha, Jorge Raimundo Custódio, João Luis Martins de Matos Vítor Manuel Duarte Torres e António Manuel Maria Neto e Neves.

16 PONTOS

Carlos Daniel Gonçalves, Evaristo de Oliveira Ferreira, José Manuel Geraldes de Oliveira e José Manuel Fanha Vicente.

14 PONTOS

Abílio de Sousa Brandão.

13 PONTOS

L. H. Pitto.

10 PONTOS

Carlos Andias da Silva Carvalho, Maria Ermelinda Duarte, Miguel Andrade Tavares Silva, Forca, D. Ralph Kay, Sherlock Amador, Amândio António Sousa da Cunha, Avelino Corbal Simões de Azevedo, Inspector Interplanetário, Vítor Dias da Silva, Manuel Ferro Menezes, José Maria Santos de Oliveira, Augusto Oliveira da Mota, José Gaspar, Alexandre Campos Romeiras, Somar, Rui Moniz, Eloi, Carlos Augusto Marques Boto, Topa-Tudo, Bastião José Martins, Luis Artur de Moura

18 PONTOS

Pedro Laranjeira, João do Nascimento, De Factus, Fernando Reis Faria, António Alberto dos

IMPORTANTE

Volta a lembrar-se que as respostas devem dar entrada na nossa redacção no prazo de seis dias, isto é, até à véspera da saída do «Foguetão» imediato àquele a que elas se referem.

Atenção, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva: o teu postal de resposta aos concursos da 2.ª semana da 1.ª VOLTA chegou à nossa redacção com três dias de atraso.

O ENIGMA CHINÊS

Romance de Yves Duval — Ilustrações de Ebdard Aidans

REUNIÃO FAMILIAR

Buster Webb era um rapaz decidido. Na sua terra, em Merrit, gozava de fama de alguém que não conhecia o medo nem se deixava vencer facilmente. No entanto, quando compreendeu que o pretense Bob Durban era tanto inspector do F. B. I. como ele era presidente dos Estados Unidos, sentiu que a coragem lhe fugia. Tenha sido tolo em se meter assim na ratoeira!

— Não calculava encontrar-me tão facilmente em Jacksonville, Mr. Webb! — disse Li-Fang, amável, fazendo voltar a pistola no indicador, antes de a meter na algibeira. — Pensei que gostaria de encontrar à sua espera alguns bons amigos. Tinha a certeza de que o senhor viria no avião a seguir ao nosso. Mas, creia, as suas surpresas ainda não terminaram. Estamos à espera de algumas pessoas e só então a festa começará...

— Li-Fang — respondeu o rapaz que, pouco a pouco, recuperara a segurança — deixe-se desse tom que não quadra com a sua verdadeira personalidade. Já o conheço! Sei do que é capaz e não espero de si picadete. Visto que vai desembrasar-se de mim, faça-o depressa.

— Como você vai! — tornou o chinês com um sorriso gelado — Não tenha pressa! Cada coisa a seu tempo. Depois verá...

O carro negro rolava pelo campo, no meio de profunda escuridão. No entanto, tomando como ponto de referência os raios luminosos dos faróis do aeródromo, Webb tinha a impressão nítida de que estavam descrevendo um largo circuito em redor do terreno. Jim Bratt, o homem de envergadura de guarda-fatos, apoiava nas costas do prisioneiro o cano da sua pistola, e essa sensação era extremamente desagradável.

— Creio que vai sendo tempo — notou de repente Li-Fang, depois de ter consultado o relógio de pulso — O avião deve

aterrar à meia noite e quarenta e cinco. Por vezes vem mesmo com algum avanço...

Momentos depois o automóvel parava à esquerda da estrada do aeródromo, em frente do edifício que servia de armazém para as mercadorias. Nel Molsen tinha saído do carro e abria as portinholas.

— Vamos, meu rapaz! — disse Jim Bratt. — Vais descer e estar com muito juizinho, mesmo em

frente da porta. Inútil será lembrar-te que, à menor palavra, ao menor gesto, és liquidado sem remissão.

Webb teria bastante dificuldade em esboçar qualquer gesto, visto que haviam tido o cuidado de lhe amarrar os pulsos atrás das costas. Sempre sob a ameaça do revólver, agora apontado aos rins, o jovem ex-sargento observava as cercanias sem voltar a cabeça, perguntando a si próprio o que iria passar-se. Em breve ouviu o ruído de um avião que se preparava para aterrar. Quando esse ruído cessou, a voz um pouco nasalada do alto-falante anunciou: «Mr. Buster Webb pede ao passageiro Bill Vernon o favor de o procurar junto do armazém das bagagens. Muito obrigados.

— Os abomináveis patifes! — pensou Buster. — Eis o que eles maquinaram para fazer cair Vernon na mesma armadilha que eu! Mas, ainda que tenha que deixar aqui a pele, hei-de arranjar forma de impedir que o apanhem.

Já o grupo de passageiros do último avião começava a sair e a confundir-se com a noite. Uma silhueta maciça se destacou. Após um momento de hesitação, dirigiu-se em passos pesados para o carro e para Buster, que reconheceu o polícia de maxilha de buldogue. Também este devia tê-lo reconhecido porque, bruscamente, apressou o andamento e agitou os braços.

— Cuidado! Vernon! — gritou Webb. — Não se apro...

Mas, quando já esperava ser fulminado por uma bala na coluna vertebral, foi uma pesada pata que lhe caiu sobre a boca.

— Pare! — tinha gritado Vernon. Mas já o táxi, levado pelo zelo do motorista, entrara também no pátio. Ao mesmo tempo, com um ruído de trovão, uma pesada porta de ferro desceu e quatro grandes lâmpadas fluorescentes se acenderam.

Bill Vernon acabava de compreender — um pouco tarde — a razão por que o motorista do táxi mostrara tanto zelo em não largar o carro negro. O homem do volante era um cúmplice dos «gangsters».

De uma pequena ponte de ferro que corria ao longo do vasto átrio, cinco ou seis tipos de aspecto patibular apontavam metralhadoras sobre Vernon e sobre Webber que acabava de ser tirado do carro negro.

Os dois amigos foram empurrados para uma casota de tijolos que se erguia a um canto. Depois fecharam a porta sobre eles.

— Tenho a impressão de que, desta vez, estamos prontos! — murmurou Buster.

— Coragem, meu velho! — replicou o polícia. — Fica sabendo que um homem só se pode dar por vencido quando desiste de lutar.

Buster sentiu-se violentamente puxado para trás, para dentro do carro, que partiu imediatamente.

Bill Vernon não tinha, entretanto, perdido o sangue-frio. Como um táxi acabava precisamente de parar a alguns metros de distância, junto do passeio, saltou-lhe para dentro, gritando ao motorista:

— Polícia do Estado! Siga aquele carro preto. Depressa!

Evitando um carregador ajojado com malas, o táxi largou, lançando-se na perseguição. À cerca de quinhentos metros de distância avistavam-se as luzes vermelhas do carro oscilando na estrada. Vernon continuava a apressar o motorista, coisa que parecia superflua, pois o homem tinha todo o ar de quem tomava a sua missão a peito. Crispado sobre o volante, com uma bela temeridade, mantinha o motor no máximo.

Uma onda de ar salgado enchia agora os campos. Era evidente que se aproximavam da costa. Pouco a pouco, o táxi ganhava terreno. Mais um instante e cairia em cima do seu rival. Brusca e, o carro negro obliquou, para se ir meter numa espécie de vasta fábrica cuja porta principal estava aberta de par em par.

— Pare! — tinha gritado Vernon. Mas já o táxi, levado pelo zelo do motorista, entrara também no pátio. Ao mesmo tempo, com um ruído de trovão, uma pesada porta de ferro desceu e quatro grandes lâmpadas fluorescentes se acenderam.

Bill Vernon acabava de compreender — um pouco tarde — a razão por que o motorista do táxi mostrara tanto zelo em não largar o carro negro. O homem do volante era um cúmplice dos «gangsters».

De uma pequena ponte de ferro que corria ao longo do vasto átrio, cinco ou seis tipos de aspecto patibular apontavam metralhadoras sobre Vernon e sobre Webber que acabava de ser tirado do carro negro.

Os dois amigos foram empurrados para uma casota de tijolos que se erguia a um canto. Depois fecharam a porta sobre eles.

— Tenho a impressão de que, desta vez, estamos prontos! — murmurou Buster.

— Coragem, meu velho! — replicou o polícia. — Fica sabendo que um homem só se pode dar por vencido quando desiste de lutar.

No minúsculo casinoto um homem de cabelos brancos e óculos com aros de ouro estava sentado num caixote. A fraca claridade que entrava pelas frestas, Vernon encarou-o.

— Ah! Já esperava encontrá-lo aqui professor Brumberger! Mas isto é uma autêntica reunião familiar!

— Como pode brincar?! — balbuciou o interpelado. — Confesso-lhe que estou doente! Há três horas que me foram buscar a minha casa, sem uma palavra de explicação. Homem que eu nunca vi! É de enlouquecer! Ignoro o que me querem esses tipos!

— Já lho vou dizer — tornou Vernon. — Estamos, simplesmente, nas mãos de um bando de espíes internacionais que roubaram de um departamento do Estado os planos das suas famosas ilhas artificiais. O meu amigo Buster Webb aqui presente e eu próprio conseguimos recuperá-los. Então, esses patifes não encontram nada melhor do que raptar o sábio autor de tão notáveis trabalhos. E, como decreto contam que o senhor trace de novo os planos em proveito deles, creio que não terá nada a recer quanto à sua vida...

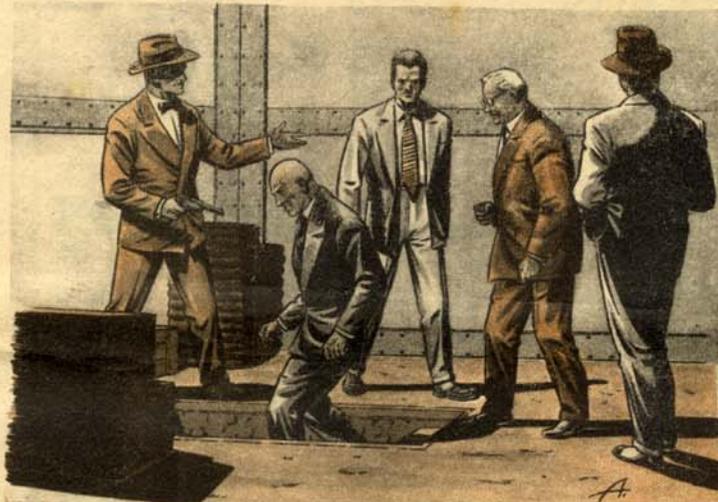
— O mesmo não jurarei no que nos diz respeito! — resmungou Buster. — Suponho que está a ouvir como eu, este ruído das ondas. O mar não deve ficar longe... Suponho mesmo, Vernon, que mais hora menos hora nos vão muito simplesmente atirar ao mar!

Nesse momento a porta abriu-se e dois «gangsters» de pistolas em punho fizeram sair os prisioneiros, que conduziram para o canto oposto do vasto átrio. Ali, um dos guardas puxou um alçaço de ferro que se recortava no solo de cimento. Buster divisiu um barco que hoiçava ao lado de uma escada de facto.

— Visto que estamos todos, queiram ter a bondade de embarcar — disse um dos homens.

— Não há nada mais romântico do que uma balada no mar, à luz da Lua. Não quero que percam tal espectáculo. Despachem-se, que na Florida e nesta estação, as noites são curtas.

NA PRÓXIMA SEMANA:
O IATE NEGRO



A ARMADILHA DIABÓLICA



UM LEITOR DO «FOGUETÃO» É TAMBÉM, COM CERTEZA, UM LEITOR DO «CAVALEIRO ANDANTE»!

CLUBE DO MISTÉRIO



A POLÍCIA... É QUE SABE!

PEGADAS

Reiss, famoso criminologista, afirma que as pegadas e outros vestígios da passagem do criminoso devem procurar-se nos arredores do local do crime e não no próprio local, onde a sobreposição de indícios e a própria cautela do delinquente em apagar as marcas da sua passagem dificultam a missão do investigador.

Igualmente recomenda Reiss efectuar um confronto entre as impressões obtidas e as dos vizinhos e frequentadores do lugar, separando cuidadosamente as de carácter diferente sem menosprezar as outras, pois nada indica que o criminoso não pertença ao ciclo de relações da vítima.

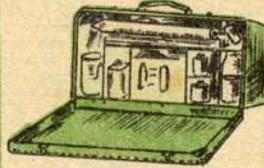
Como se transcreve uma pegada para sua futura identificação:

Traça-se uma recta AB, tangente à parte interna da curva formada pelo calcanhar e pela articulação do metatarso.

Depois divide-se esta linha em tantas linhas perpendiculares quantas se queira, conforme a aproximação pretendida.

Na impressão a comparar efectua-se um traçado semelhante e marcam-se medidas das perpendiculares (ordenadas), para identificação.

Eis uma mala-estojo para recolha de pegadas, com todo o material necessário para este tipo de investigação.



Aspergindo goma-laca sobre a superfície dum pegada.

Utiliza-se neste caso uma seringa metálica do tipo das usadas contra os insectos.



TABELA DE BERTILLON

Para satisfazer a curiosidade dos membros do nosso «CLUBE DO MISTÉRIO», aqui fica a Tabela de Bertillon, pela qual com uma simples multiplicação podem calcular a altura aproximada dum indivíduo, desde que conheçam a medida da sua pegada.

Por exemplo, se um indivíduo tem uma pegada de 225 mm:

Vamos ver ao lado esquerdo, à coluna do comprimento em mm, e verificamos que 255 fica entre 250 e 259, portanto corresponde-lhe o coeficiente de 6,407. É portanto, por esse número que temos de multiplicar.

$225 \times 6,407 = 1,437565$
O que significa ter o indivíduo aproximadamente 1,63 m de altura.

IDENTIFICAÇÃO DE SUSPEITOS

Em continuação do nosso último CADERNO DE APONTAMENTOS, apresentamos hoje mais uma série de desenhos que podem permitir uma mais fácil identificação de indivíduos, em face dos tipos de cabelo.



N.º 1 — «Cabelo direito» a que vulgarmente se chama também «ourizado» por lembrar a disposição dos espinhos do ouro.

N.º 2 — «Cabelo ondulado»

N.º 3 — «Cabelo encarapinhado»

N.º 4 — «Calva parcial»

N.º 5 — «Calva total»

N.º 6 — «Cabelo posticho» (capachinho)

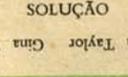


TESTE DE APLICAÇÃO

Para experimentar o vosso espírito de observação, aqui têm mais um teste com caras conhecidas de artistas de cinema.

De todas as sugestões que lhes apresentamos, digam-nos quais são as duas certas, e a quem correspondem as partes A, B, C, e D.

- BRIGITTE BARDOT
- BETTY HUTTON
- MARILYN MONROE
- ELIZABETH TAYLOR
- AVA GARDNER
- KIM NOVAK
- GINA LOLLOBRIGIDA



SOLUÇÃO
Elizabeth Taylor Gina Lollobrigida

ENIGMA N.º 11

BURLA NO CASINO



Há já alguns dias que estou com o comissário Esteves a férias, sabem onde? No Estoril. O director do famoso casino é amigo do Comissário, desde que este lhe prestou diversos serviços. Esta manhã, pelas 10 horas, estávamos tomando o pequeno almoço no terraço do nosso apartamento, quando o telefone tocou. Esteves foi atender.

— Estou! Bom dia, caro amigo, como passa? Ora essa! Estou ao seu dispor... O quê? Uma missão delicada? Bom... Peca ao conde que espere um momento... Já lá vamos...

Terminado o pequeno almoço, dirigimo-nos a pé para o Casino. Pelo caminho o meu companheiro explicou-me:

— O director do Casino, está muito

aborrecido. Um jogador perdeu à roleta esta noite, uma forte soma. É o conde de Mastroianno. Perdeu mais de cem mil escudos. Passou um cheque à ordem do Banco Internacional...

— E então, Comissário?
— E então o director do Casino entrou em contacto com o Banco... O conde de Mastroianno tem de facto uma conta importante nesse Banco... — Suficiente para pagar a sua dívida de jogo?

— Neste momento é até muito superior...

— Então, não vejo o problema... — Espere... A assinatura do cheque parece autêntica, mas o gerente do Banco mostra-se embaraçado... Foi há pouco tempo nomeado para aquele

lugar e não conhece muito bem o conde... Por outro lado, tem-se a impressão de que este viaja actualmente pela Florida...

— Então o jogador desta noite será um impostor?

— Talvez... — suspirou o Comissário... Está um caso muito bocado...

No gabinete do director do Casino a atmosfera mostrava-se tempestuosa. O conde Mastroianno homem muito alto e espadado, de rosto completamente bronzeado, deixou estalar a sua cólera ao ver-nos chegar.

— Isto é um escândalo! Une infâmie! Dizer o conde Mastroianno capable de escoquerie... Vai custar caro, sinhô!

E voltando-se para o gerente, que permanecia calado, ameaçou:

— Sinhô! Vou-mê queixar a seu director generalê!

O director do Casino pareceu aliviado ao ver-nos, e apresentou-nos ao irascível italiano.

— Estes senhores — disse — vão deslindar rapidamente o assunto, senhor conde...

O nobre estrangeiro lançou-nos um olhar altivo:

— Depressa, senhores! Têmo pressa!

O Comissário interrogou:

— É o senhor o conde de Mastroianno?

— Decerto!

— Mas diz-se que o conde está na Florida...

— Sono revenuto... Voltei ontem. Dois meses de férias... Il sole de Miami...

Timidamente, o gerente do Casino arriscou:

— Agora me lembro! Disseram-me que o conde usa barba. Ora este senhor...

Olhámos o italiano, cuidadosamente barbeado. Ele encolheu os ombros.

— Molto caldo... — explicou.

Então eu tirar barba... cortar. Ontem à tarde...

— Comissário! — exclamei então.

— Ponha as algemas a este impostor.

— Não é o verdadeiro conde!

E, antes que voltasse a si da surpresa, o «escroc», apesar dos seus protestos, tinha os pulsos algemados.

— Vejamos! — disse-lhe eu, delicadamente. — Esqueceu-se de um pormenor, meu caro senhor. De infimo pormenor que o acusou...

Qual é o indício, o pormenor — prova de que o italiano não é, de facto, o conde Mastroianno?

MORTE A 100 À HORA

(Solução do número anterior)

Cesar Moreira tinha apenas a manga direita do casaco molhada pela chuva. Isso significava que conduzia o carro deixando passar o cotovelo pela janela, como fazem tantos automobilistas. Mas, visto que se tratava da manga direita, devia conduzir um carro com o volante à direita, portanto, matriculado em Inglaterra. Mentira ao pretender que tenha utilizado o seu Peugeot 403. Na realidade, levou o «Jaguar» de Rui Pinheiro, para desviar as atenções sobre este.

O homem das cavernas, levado pela fome, percorria a selva em busca de caça. De súbito, uma serpente se ergueu, ameaçadora. Para forçar a passagem, o homem baixou-se, pegou numa enorme pedra e, de músculos retesados, lançou-a sobre o réptil, que esmagou.

Um pouco mais adiante, foi-lhe preciso saltar por cima de uma árvore que o vento derrubara. Um regato barrou-lhe a passagem. O homem recuou alguns passos, tomou balanço e, depois, ágilmente, foi cair na outra margem. Nesse instante, uma lebre, assustada, fugiu. O homem lançou-se em sua perseguição, mas em breve desistia. Poucos passos andados, pôs-se a correr com redobrado ardor: é que acabara de ver os olhos luzentes de uma fera a espreitá-lo...

Trémulo e cheio de fome, voltou para o seu abrigo. Mas nessa noite não pôde dormir. O seu cérebro trabalhava, procurando o meio de vencer todas as emboscadas da natureza.

Quando o dia seguinte nasceu, o homem saiu prudentemente da sua caverna, arrancou um ramo de árvore e tirou-lhe as folhas. Tinha descoberto a primeira arma de defesa e de ataque.

Nesse dia já trouxe algumas peças de caça... Depois, pouco a pouco, foi aperfeiçoando a sua descoberta. Ao ramo acrescentou um silêx de ponta afiada... Depois, com uma pedra achatada, fez um machado...

E foi assim, caros rapazes, foi desta necessidade imperiosa do homem viver, de se defender, que brotou o germen de cada especialidade do atletismo moderno: a marcha, a corrida, o salto em altura e em comprimento, o lançamento do peso, do dardo e do martelo...

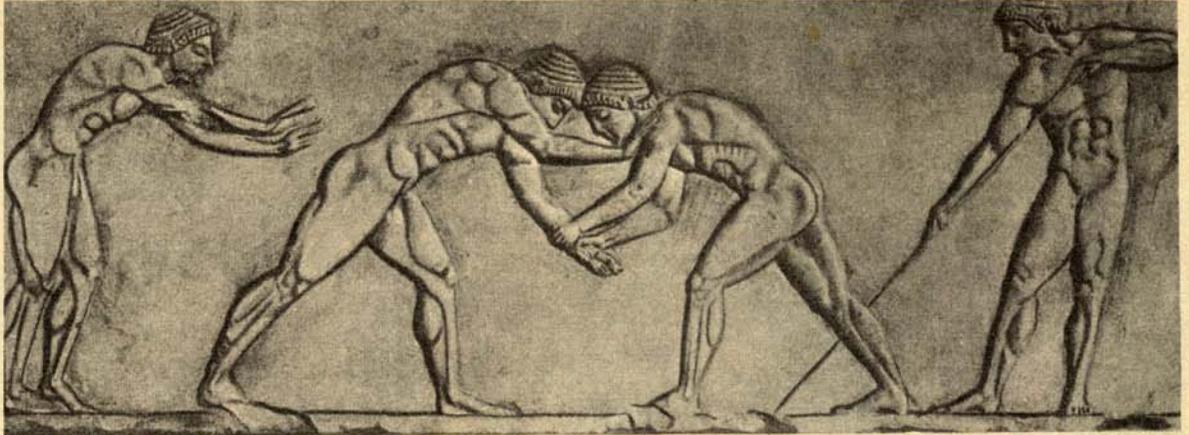
Ao abrigo das suas primeiras superioridades sobre o animal, protegido do frio graças às peles das feras que matava, o homem começou a multiplicar-se sobre a Terra. Os casais tornaram-se famílias, as famílias transformaram-se em tribos — reunidas em aldeias, em cidades, em nações...

Entretanto, em cada tribo os melhores e os mais fortes, admirados por todas e imitados por todos, desafiavam-se. E os vencedores dessas competições eram os «campeões», isto é, os chefes.

Assim nasceram as primeiras provas desportivas. Os baixos relevos do Egito, da Assíria e de Creta lá estão nos museus a mostrarem cenas de atletismo e de ginástica.

Sabem quem foi o homem que traçou o primeiro estádio? Foi Hércules. Exactamente, Hércules, o dos doze extraordinários trabalhos que a Mitologia nos conta. Hércules, o mais velho de uma família numerosa, tinha quatro irmãos: Epímedes, Idas, Peoneos e Iasus, e com eles resolveu certo dia organizar uma competição desportiva.

Faltava-lhes local próprio? Deixá-lo! Hércules, que não se atrapalhava, arran-



DA IDADE DAS CAVERNAS AOS JOGOS OLÍMPICOS DOS NOSSOS DIAS

O GRANDE ROMANCE DO ATLETISMO

jou imediatamente o *temenos* ou recinto público onde, de quatro em quatro anos, se celebravam os Jogos de Olímpia. Para delimitar o *temenos*, posou o pé direito no solo, depois, a seguir o pé esquerdo e assim de enfiada, 600 vezes, primeiro num sentido, depois no outro. Estava criado o primeiro *estádio*.

Mas Hércules teria sido apenas o organizador destes jogos 1.496 anos A. C. ou teria conseguido vencer os irmãos, o que o haviam desafiado? Ai é que os cronistas não se entendem... Mas, fosse ele quem fosse, a verdade é que o vencedor recebeu como troféu um ramo de oliveira.

Sete séculos mais tarde (ou seja 776 anos A. C.), Coerebus, proprietário de um «bar» de Elia — por que naquele tempo já havia disso... — ganhava a única prova citada nos primeiros jogos oficiais de Olímpia: a corrida de velocidade.

Cinquenta anos depois, os técnicos da época acharam que deviam incluir nas provas outro género de corridas e, assim, nos Jogos da XIV Olimpíada (724 anos A. C.) apareceu o duplo *estádio* ou *corrida diálica*, qualquer coisa parecida com os actuais 400 metros. Foi ganha por Hypnos de Pisa.

AS CORRIDAS DE ESTAFETAS ANTEPASSADAS DOS C. T. T.

As corridas de estafetas têm igualmente origens longínquas. Os antigos egípcios utilizavam os corredores a que chamavam *Symmaci*, como mensageiros rápidos. Os gregos colebravam os lam-

padofáris, ou corridas com archotes para transmitir o fogo sagrado em honra dos deuses. Nessas corridas tomavam parte equipas representativas das repúblicas — cada equipa de 40 homens — que cobriam 25 a 30 metros a grande velocidade, e conservando o facho aceso. Se este se apagava, a equipa era desclassificada.

Ciro, rei da Pérsia — como se diz nos *compêndios de História*... — aperfeiçoou as corridas de estafetas com fins utilitários. E Dario, seu neto, organizou o primeiro serviço dos C. T. T. Formidável! Mais tarde, Roma aproveitou a ideia, conservando-lhe a estrutura.

Já agora, fiquem sabendo que, quando os espanhóis conquistaram o México, souberam com espanto que tanto os Aztecas como os Incas do Peru tinham admiráveis organizações de estafetas pedestres (3 a 5 quilómetros em média), graças às quais as notícias se propagavam a 15 quilómetros à hora!

RECORDE CONQUISTADO POR UM GUARDADOR DE CABRAS

O salto também tinha na Grécia muitos praticantes e muitos «fans». Mas só o salto em comprimento gozava honras de *estádio*. Entre os mais célebres vencedores dessas competições, figura Chionis, um guardador de cabras que deu um salto de 52 pés de comprimento, no *estádio* de Olímpia. Mas há quem diga que tal recorde não pode ser exacto...

Os gregos também lançavam o disco e o dardo e, a acreditar no que afirma

o general grego Pausânias, foi Perseu, o herói, quem inventou o lançamento do disco. Mas também neste caso há discordâncias... Tudo isto, porém, pertence à Mitologia.

Históricamente, ou seja, verdadeiramente, o primeiro grande especialista do lançamento do disco foi o grego *Playllos*, que atingiu a distância de 95 pés. O que ignoramos é se o disco era de pedra ou de estanho e qual o seu peso, e as suas dimensões.

Quanto ao *discóbolo* cuja escultura é mundialmente conhecida, não se sabe ao certo quem fosse. Decerto um grande campeão daqueles tempos!

Mas os gregos, verdadeiros apaixonados pelo atletismo, criaram ainda outra modalidade: o pentatlo. O programa variava conforme os locais, mas o mais vulgar consistia num salto em comprimento, uma corrida de um *estádio*, um lançamento do disco, outro do dardo e uma prova de luta.

Ah! Mas o pentatlo teve a sua lendária, a um tempo poética e... política. Ela: durante a expedição dos Argonautas, comandados por Jasão, houve a bordo provas desportivas, em que, naturalmente, ganhavam sempre os melhores. Havia especialistas de dardo, de salto de corrida... Mas Jasão queria favorecer Peleias, o seu melhor guerreiro, e organizou então o «pentatlo», que foi ganho pelo favorito.

MAS OS TEMPOS CORRERAM E...

...com o correr dos tempos apareceu a armadura, que decidiu da morte pro-

visória do atletismo. A Idade Média, guerreira e poética, não quis mais ouvir falar de competições atléticas. Foi a época por excelência da cavalaria, da esgrima e dos jogos de passatempo, como por exemplo o jogo da pela, antepassado do ténis.

Só em fins do século XVIII alguém — os ingleses, para sermos mais explícitos — se lembrou de ressuscitar o atletismo. Aos ingleses se devem como efeito as linhas gerais das actuais competições.

Houve, porém, um obstáculo: é que, enquanto os britânicos queriam conservar nas provas as suas medidas tradicionais — a milha, o pé, etc. — os continentais pretendiam que fosse o sistema métrico a imperar. Por fim, criou-se uma plataforma, e os continentais decalaram as suas provas métricas sobre as habituais competições inglesas. Eis a razão porque os 400 metros estão muito perto do 1/4 da milha (402,33 m) e os 800 metros da 1/2 milha (804,67 m) e assim por diante.

A MARATONA... E O MAIS QUE SE LERÁ...

Em risco de causar um grande desgosto a alguns apaixonados do desporto, temos que lhes dizer que a maratona — a célebre prova clássica — é pura invenção dos tempos modernos. Na Grécia de outrora não existia nada de semelhante. Mas alguns cérebros modernos apropriaram-se de uma citação histórica baseada numa proeza atlética de que não há provas... e criaram a Maratona em homenagem ao lendário guerreiro que espalhou a notícia da vitória de Milcíades sobre os persas. Foi também muito arbitrariamente e fantasiadamente que se fixou a distância da prova: 42,195 km. E sabem como foi achado esse percurso? Fixaram-no os ingleses... medindo a distância que separa Windsor de Londres!!!

Já agora, uma outra curiosidade. O salto à vara foi praticado pela primeira vez nos tempos modernos em Pamplona, em 1722. Uma vez que se fala de Espanha, fácil é calcular que esse primeiro salto foi executado... por cima de um toiro. Depois, apareceu oficialmente nos Campeonatos de Inglaterra, em 1866.

E, para findar, saibam que em 1884 foi criado nos Estados Unidos o campeonato «all round», destinado a recompensar os bons atletas «que não têm nunca a sorte de ganhar nos concursos individuais». Generosa ideia! Nessa competição, os concorrentes executavam três corridas, três saltos, três lançamentos e uma prova de marcha, totalizando assim um decatlo... vinte e oito anos antes que tal competição assim fosse oficialmente baptizada.

Com uma ou outra variante, o atletismo continua a ser praticado em todo o mundo e a conquistar adeptos. Não é um desporto e não é também um método de educação física, se bem que esteja colocado entre os dois extremos. Nasceu da necessidade dos homens medirem o seu valor. É a essa talvez a razão porque o atletismo não morrerá!

Joe Tormenta em O RAPTO DA CIENTISTA



(continua na página 5)





PARA O F.B.I. NEMAS BONECAS TEM SEGREDOS

Mrs. Velvete Dickinson negociava em bonecas de luxo. Um dia, dois clientes como quaisquer outros entraram no seu estabelecimento. Mas com eles entrava o F. B. I.

mentos. É também por esse motivo que estou a aprender a escrever à máquina. Toda a gente tem agora um ar atarefado e as ruas estão cheias de pessoas.

Os meus cumprimentos a sua família. Desculpe não lhe ter escrito durante tanto tempo. Sinceramente
Mary Wallace

P. S. — A minha mãe queria ir a Louville mas, com os nossos aborrecimentos, não podemos por agora pensar no projecto Louville.

Miss Wallace estava cada vez mais intrigada! Havia naquela carta coisas extraordinárias. Era certo que seu sobrinho sofria de uma grande doença cerebral. Era verdade também que ela fizera uma palestra num Clube de Springfield, acerca da sua colecção de bonecas, mas não possuía nenhuma de origem irlandesa. Além disso, não estivera

em Nova Iorque na data em que a carta fora expedida para a Argentina. Finalmente, nunca se servia da máquina de escrever e escrevia todas as suas cartas à mão.

Concluiu, portanto, que alguém lhe quisera pregar uma partida ridicularizando a sua paixão pelas bonecas. E, furiosa, Miss Wallace entregou a carta nos Correios, pedindo que lhe descobrissem o engraçadinho...

O F. B. I. TAMBÉM SE INTERESSA POR BONECAS

O director dos Correios de Springfield remeteu a carta ao F. B. I. em Washington, que a estudou com atenção. Desde logo pareceu demasiado estranha para ser inocente, e muito desconhecada para se tratar de uma «partida». Aparentemente, tal carta era inofensiva, mas a usurpação da identidade de Miss Wallace despertou suspeitas. Um dos agentes do F. B. I. expôs o seu ponto de vista. Esse agente pensava que as «movas

bonecas» deviam designar em código navios de guerra. O espadador irlandês poderia significar uma porta-aviões, visto que estes eram cobertos por redes de camuflagem. A velhinha com o seu molho de lenha seria um navio de guerra munido de uma super-estrutura de madeira, e o rapazinho um novo «destroyer».

O sr. Shaw que tinha destruído a carta podia muito bem ser o navio americano «Shaws», que fora quase destruído quando do ataque de Pearl Harbour. Esse «destroyer» fora reparado em Honolulu e fazia então o trajecto entre as ilhas Hawai e S. Francisco.

Quando ao post-scriptum, o agente calculava que se referisse ao navio americano Louisville, um cruzador que andava no mar havia muito tempo e cujos movimentos eram mantidos secretos. O post-scriptum podia significar que a tal respeito não era possível fornecer as informações pedidas.

(Continua na página 8)

A história começa no Outono de 1943 durante a segunda guerra mundial, em Springfield, no Estado americano de Ohio, a cerca de treze horas de comboio de Nova Iorque. Nessa pacífica cidade, vivia a família Wallace, gente respeitável e respeitada. Miss Mary Wallace nunca se interessara muito por espíes. Aliás, interessava-se muito mais pelas artes do que pela política. Certa manhã, encontrou na sua caixa do correio uma carta de avião vinda da Argentina e endereçada à:

Señora Inez Lopez de Molinali
2163 O' Higgs Street
Buenos Aires (Argentina)

Como demónio aquela carta dirigida a uma desconhecida da América do Sul fora ter à caixa de correio de Mary Wallace?

A rapariga ficou um momento perplexa. Mas a sua perplexidade transformou-se em espanto quando, ao voltar a carta, viu que, como remetente, figurava o seu próprio endereço.

Remete: Mary Wallace
1808 E. High Street
Springfield (Ohio)

O sobrescrito estava dactilografado e tinha, além do carimbo postal argentino, o carimbo da data da «Grand Central Station», a estação principal de Nova Iorque, onde fora detida um mês antes. Tudo isto constituía um verdadeiro mistério, pois Miss Wallace nunca escrevera nem enviara semelhante carta e não tinha na Argentina nenhuma amiga de apelido Molinali. Em boa verdade, não conhecia ninguém na América do Sul!

Para ver se podia descobrir o fio da meada, abriu a carta e leu... para ficar a perceber ainda menos! O papel era o que ela própria costumava usar. A carta fora devolvida porque a destinatária se mudara sem deixar nova morada. Era mais do que evidente que alguém escrevera à senhora Molinali servindo-se do nome de Miss Mary Wallace. E o espanto da jovem americana mudou-se em irritação ao verificar que a carta estava escrita em mau inglês e cheia de erros. Dizia assim (traduzido, já se vê...):

Querida amiga,

Já decerto perguntou a si própria o que era feito de mim por não lhe ter escrito há tanto tempo. De há um mês para cá temos tido aborrecimentos. O meu sobrinho de quem tanto gosto tem um tumor na cabeça e julga-se que está perdido: andamos por isso tão abatidos que nem sabemos o que fazemos. Já lhe fizera um tratamento de Raios X e espera-se deter o mal; o que nos não dá é esperança alguma de que se cure completamente ou mesmo de que melhore. Sinto-me totalmente abatida.

Há cerca de um mês pediu-me que lhe fizesse da minha colecção. Tive que fazer uma palestra num Clube Artístico onde falei das minhas bonecas e das minhas estatuetas. As únicas novidades que posso lhe dizer são três adoráveis bonecas irlandesas: uma representa um velho pescador irlandês com a rede às costas, outra é uma velhinha com o seu molho de lenha e a terceira é um rapazinho.

Pareceu-me que toda a gente apreciava a minha palestra, mas, nestes dias, só posso pensar no nosso pequenino doente.

Mandou-me dizer que tinha escrito ao sr. Shaw e que ele destruiu a sua carta. Bem sabe que o sr. Shaw esteve doente. O carro dele teve um desastre, mas está em reparação. Encontrei pessoas da família dele e disseram-me que em breve voltará a trabalhar.

Oxalá a minha carta não seja demasiado triste. Não tenho neste momento coisa para lhe dizer.

Fiz uma pequena viagem de negócios em lugar de minha mãe antes de lhe preencher a declaração dos rendi-

DESVENTURAS DO ZACARIAS



O JORNAL DO ANO 2.000 CABERÁ NA PALMA DA MÃO



Antes de mais nada, devemos prevenir os leitores de que não se trata precisamente do nosso «Foguetão» — Jornal juvenil para o ano 2000... Este a que nos referimos... Mas procedamos com método

Tintin au Tibet



● Não pode olhar para onde vai, seu equilibrista? ● Cuidado! ● Com mil milhões de milhares de raios e caricatos! Vocês estão a fazer de propósito, bando de bachi-bouzuks! ● Então o senhor consente que ele diga aquelas coisas, capitão? ● Venha! Vamos perguntar daquela gente se conhece o loja do pai de Tchong. ● Desculpem. Os senhores podiam indicar-me a loja de um chinês... oh... chinês shop? ● Gostaria de saber o que são aquelas tapetes vermelhos... ● Palavra de honra! É fruta que fazem secar ao Sol Hum! Tem cara de ser muito bom!... ● Fruta?... Bom para comer?... Good to eat?... Niam-niam?... ● Yes, sahib. ● Chinese shop?... There up, Sahib. You turn left... Then big temple... Then street right... There Chinese shop... Tchong Li, the name. ● Thank you, very much! ● FOGO!...

Suponham que quarenta ou cinquenta anos passaram e que vocês são já uns respeitáveis cavalheiros de cabelos brancos. Ao saírem de casa pela manhã, desejam, naturalmente, comprar o jornal. Mas é inútil olharem em volta à procura do «jornal». Inútil também esperarem pelas folhas impressas a que se haviam acostumado desde a infância.

O que encontrámos a cada esquina será o distribuidor automático que em troca de uma moeda lhes entregará... uma espécie de disco.

Antecipação, isto que lhes dizemos? Nem por isso... Actualizar, já se conhece a forma de aperfeiçoar os nossos meios de informação. O resto é quase nada, ou seja o muito que representa a realização industrial da ideia.

Deixemos, pois, correr o tempo — em imaginação — e vejamos o que será um jornal do ano 2000.

Cada comprador ou «leitor» do jornal receberá, como já dissemos, uma espécie de disco pouco espesso, de matéria plástica, que cabe na palma da mão. Uma estreita fenda lateral mostrará uma fita, também de matéria plástica, fita muito estreita e de pouca espessura, com cerca de 300 metros de comprimento.

Muito bem! E agora vamos ver para que serve tudo isto. Recebido o disco do vendedor automático, tiramos da algebeira qualquer coisa parecida com uma cigareteira, pelo menos no que respeita à forma, uma caixinha rectangular com a espessura de um centímetro. Na tampa dessa caixa, um écran que ocupa metade da superfície. Por baixo, uma rede muito fina. Nos

cantos superiores, dois botões. De lado, uma fenda. Ora bem! É exactamente nessa fenda que vamos introduzir o disco recebido, o nosso jornal do ano 2000. Fazemos girar o botão do ângulo direito. E o milagre dá-se! No écran, as imagens começam a surgir e, através da rede, ouve-se a voz de um locutor.

Na nossa mão eis agora vinte e quatro horas da actividade do Mundo. Queremos um som mais forte? Faz-se girar o botão da direita um pouco mais. Desejamos «voltar a página» do jornal? Pois bastará

acionar o botão da esquerda e passaremos assim, rapidamente, de uma rubrica para outra.

— Tudo isso está muito bem! — dirão aqueles a quem nada escapa. — Mas, se os diferentes artigos se sucedem a toda a velocidade, como havemos de parar naquele que nos interessa?

Tranquilizem-se, porque tudo foi previsto. Uma tira de cor no écran previne-nos do género de rubrica que passa: azul para a política, vermelha para os casos da rua, verde para as histórias de quadradinhos

para rir...

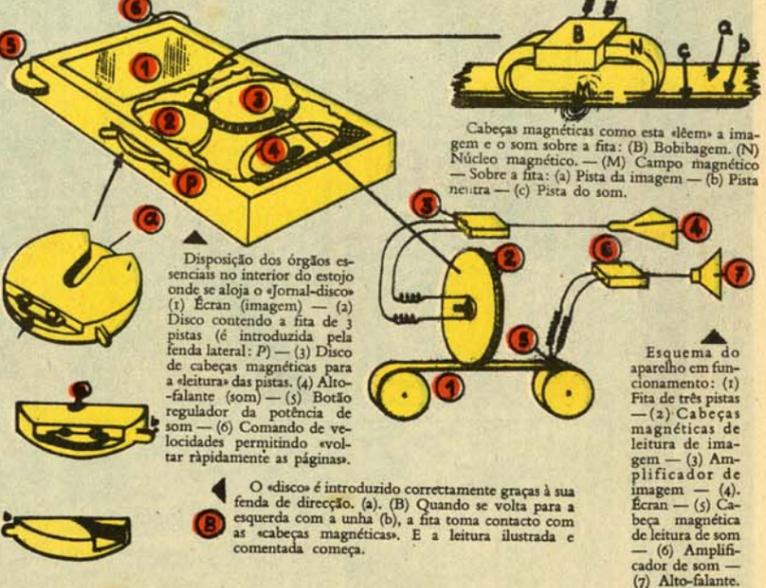


(pois então), amarela para o desporto, etc.

Como vêem, é muito simples... depois de realizado, exactamente como o ovo que Colombo pôs de pé...

Mas todos os problemas sobre o assunto estão em estudo e os cientistas sabem que não será impossível resolvê-los. É tudo questão de tempo.

Desde que desenhou nas cavernas os seus primeiros esboços, o homem tem percorrido tantas estradas, que tudo há a esperar desse infatigável caminheiro.

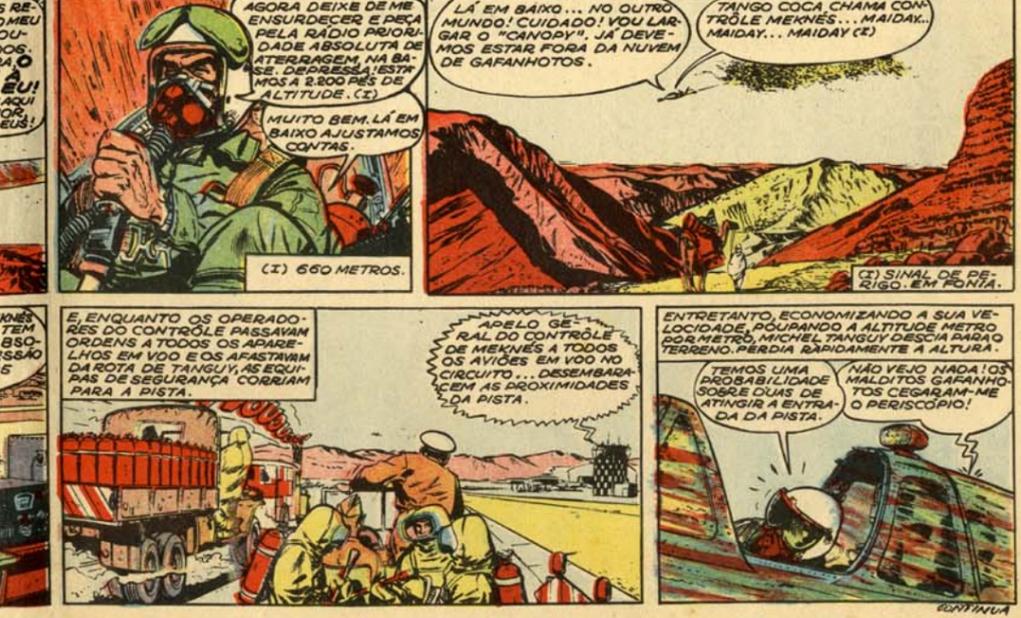
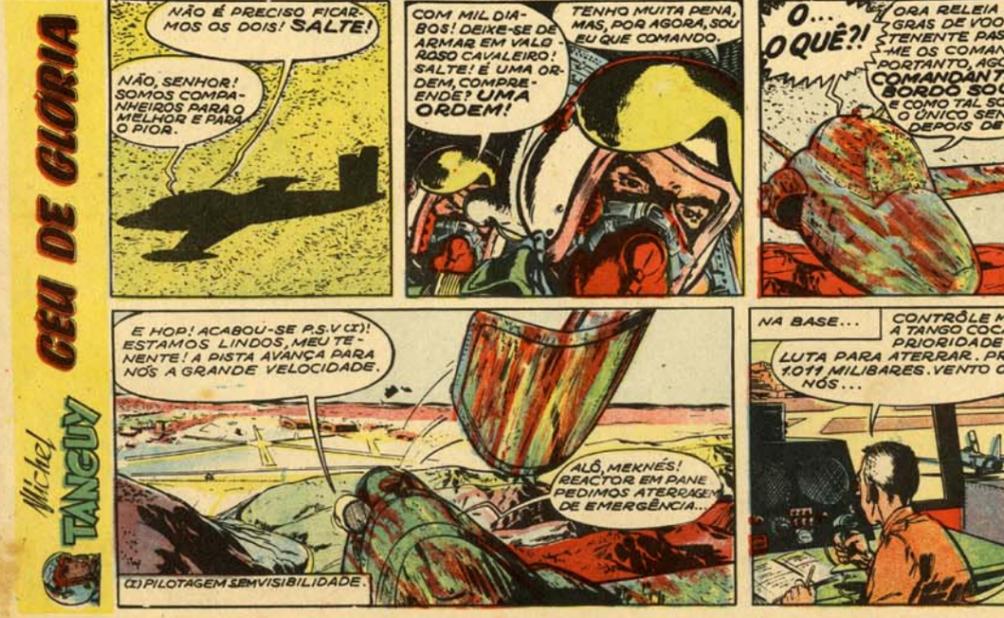


Cabeças magnéticas como esta «lêem» a imagem e o som sobre a fita: (B) Bobinagem. (N) Núcleo magnético. — (M) Campo magnético — Sobre a fita: (a) Pista da imagem — (b) Pista neutra — (c) Pista do som.

Disposição dos órgãos essenciais no interior do estojo onde se aloja o «jornal-disco» (1) Ecran (imagem) (2) Disco contendo a fita de 3 pistas (é introduzida pela fenda lateral; P) — (3) Disco de cabeças magnéticas para a «leitura» das pistas. (4) Alto-falante (som) — (5) Botão regulador da potência de som — (6) Comando de velocidades permitindo evoluir rapidamente as páginas.

O «disco» é introduzido correctamente graças à sua fenda de direcção. (a). (b) Quando um volta para a esquerda com a unha (b), a fita toma contacto com as «cabeças magnéticas». E a leitura ilustrada e comentada começa.

Esquema do aparelho em funcionamento: (1) Fita de três pistas — (2) Cabeças magnéticas de leitura de imagem — (3) Amplificador de imagem — (4). Ecran — (5) Cabeça magnética de leitura de som — (6) Amplificador de som — (7) Alto-falante.





AS LICÕES DE JOSÉ ÁGUAS

11

A CORRIDA TAMBÉM FAZ PARTE DA «BAGAGEM»!

ços, lentamente, aumentando a cadência gradualmente, até atingir o máximo de velocidade. Atenção ao movimento dos braços, que não devem ficar parados. Pelo contrário, inclinando o tronco ligeiramente para a frente, os braços, em ângulo, acompanham a «corrida», procurando até exceder as pernas em velocidade.

3 — Corrida de perseguição (em círculo) — Formam-se dois círculos concêntricos (agora temos a geometria...) com os jogadores disponíveis. Os de dentro estão parados e os de fora, distanciados dois passos entre si, começam a correr em torno do círculo imóvel, em cadência lenta. De vez em quando, o treinador apita e cada jogador procura tocar com a mão no que corre à sua frente. Aquele que consinta ser tocado, sai da roda.

Este exercício, divertido, aperfeiçoa a rapidez de arranque e de reflexos, pois aqueles que arrancam logo que o apito soa, têm vantagem.

Não esquecer as trocas de direcção e também de círculos, para não serem sempre os mesmos a correr, no mesmo sentido.

4 — O mesmo exercício, mas com a variante de, ao toque do apito, o jogador procurar ultrapassar aquele que segue à sua frente.

5 — Corrida de estafetas — Colocar dois grupos de jogadores a uma distância determinada, mas curta (dez metros, por exemplo), numa parede, ou de uma linha qualquer. Ao sinal de partida, arranca o primeiro jogador de cada grupo, correndo até à parede (ou linha) e regressando ao seu lugar. Nessa altura, parte o corredor imediato, e assim sucessivamente, até ao último elemento. A equipa que complete primeiro a prova é, evidentemente, a vencedora.

Assim os jovens jogadores fazem exercício, ganham velocidade de arranque e de corrida e cobram resistência, quase sem darem por isso. No final e antes do duche, porque o mereceram, proporciona-se aos jogadores aquilo de que eles, afinal, mais gostam: um pequeno desafio-treino, a «brincar», para descontrair. Se, por acaso, os participantes tomam a coisa demasiado a sério... acaba-se com o treino!

E pronto. Alguns de vocês são capazes de dizer que «assim não vale», ou que «basta de teorias, vamos mas é dar uns pontapés na borracha». Mas isto é preciso, meus caros! Ou pensam que se faz um jogador de futebol só aos pontapés?

Uma das grandes necessidades do futebolista é a de saber correr. Os jovens bem constituídos correm sem cansaço durante todo o tempo de jogo, parecendo possuir uma energia inesgotável, mas isso, muitas vezes, constitui um grande perigo. É conveniente dosar o esforço e desenvolver a arte de poupar energias.

Vamos, pois, aprender a correr, ou seja, a correr de forma racional, com todos os membros do corpo a colaborar eficazmente.

Deve correr-se nas pontas dos pés, evitando o choque brusco, violento e repetido, da planta do pé com o solo. Além de prejudicial, principalmente à espinha dorsal, isso diminui a velocidade. Também a articulação dos joelhos tem suma importância na corrida. Aos rapazes que têm tendência para levantar demasiados os pés, à rectaguarda, o treinador deve preocupar-se em obrigá-los a exercícios de corrida com elevação exagerada dos joelhos, à frente, para contrariar aquela predisposição.

E vou agora ensinar-lhes alguns exercícios para aperfeiçoar a corrida:

1 — Num ginásio, ou ao ar livre, apoiar as mãos no espaldar, à altura dos ombros, ou numa parede, e correr no mesmo sítio, com variações de velocidade, «sprintando» de tempos a tempos.

2 — «Mise en marche». Como se se tratasse de um motor de automóvel que se põe em movimento, começar a correr no mesmo sítio, mas sem apoio dos bra-

PARA O F. B. I. NEM AS BONECAS TÊM SEGREDOS!

(Continuação das páginas centrais)

A hipótese parecia fantástica, mas talvez valesse a pena aprofundá-la. O F. B. I. interrogou Miss Wallace e soube que, meses antes, fora de viagem a Nova Iorque onde comprara várias bonecas num estabelecimento da Madison Avenue. A proprietária da loja, viuva, muito amável, fizera-lhe um preço especial. Tinham conversado um pouco e Mary Wallace contara a doença do sobrinho, a mesma de que morrera o marido da viuva.

Todas estas informações eram muito interessantes, mas a verdade é que havia pelo menos dez outras pessoas em Nova Iorque a quem Miss Wallace falara na doença do sobrinho e mostrara as bonecas.

De qualquer forma, o estabelecimento de Madison Avenue era uma pista e o agente — que já verificara muitas outras — não desprezou essa.

Dirigiu-se pois a Nova Iorque para ver o estabelecimento. Era uma casa de luxo para amadores e colecionadores ricos de bonecas e brinquedos antigos, dirigida por Velvalee Dickinson, dama baixinha e sorridente que não aparentava cinquenta anos.

O agente e um companheiro entraram como clientes, abriram os olhos, observaram, conversaram e saíram sem comprar nada.

No mesmo dia, abriram um inquérito sobre os antecedentes da viuva Dickinson, mas nada encontraram digno de nota, a não ser que, entre a sua clientela, se contavam alguns oficiais da Marinha japonesa — antes de Pearl Harbour, claro! — e que, em vida do marido, residira em S. Francisco, no

mesmo prédio em que estavam instalados os consulados alemão e nipónico. Mas tudo isso podia ser, como se diz nos filmes, «pura coincidência».

Depois da morte do marido, Mrs. Dickinson partira para Nova Iorque. Primeiro fora empregada na secção de brinquedos de um grande estabelecimento e depois abriu a sua própria casa. Fazia frequentes viagens de negócios, por vezes até Hollywood, para visitar a sua clientela de estrelas.

AS SUSPEITAS CONFIRMAM-SE...

O F. B. I. passou então a estar alerta no que dizia respeito à simpática viuva Dickinson. E as suas suspeitas confirmaram-se, quando nas caixas das bonecas cuidadosamente embaladas e remetidas a colecionadores longínquos foram encontrados bilhetinhos escritos num estilo infantil que tanto podia servir ao comércio de bonecas como... ser um código!

Entretanto, Velvalee começava a sentir-se inquieta. Estranhos clientes entravam no seu estabelecimento e faziam-lhe perguntas que revelavam um desconhecimento total em matéria de bonecas. Talvez fossem espíes a soldo de casas concorrentes... Talvez aquela carta para a senhora Molinali... Não! O melhor seria ir dar um passeio até à costa ocidental, deixando Alma, a empregada, à frente do estabelecimento. Se durante a sua ausência se desse qualquer coisa de grave, seria informada e não voltaria.

E partiu, disposta a pedir auxílio a um seu correspondente, antigo oficial da Marinha japonesa que trabalhava num restaurante de Portland (Oregon).

Mas à sua chegada a Portland verificou que o restaurante fechara.

O SOL NEGRO

POR *me*

PARA O F. B. I. NEM AS BONECAS TÊM SEGREDOS!

Do japonês ninguém sabia. A viagem fora inútil.

Semanas mais tarde, regressava a Nova Iorque, na esperança de que o F. B. I. não lhe estivesse a pista. Mas enganara-se. Os agentes tinham-no seguido de cidade em cidade, haviam descoberto muitas coisas a seu respeito e estavam convencidos de que a vendedora de bonecas de luxo era uma das mais perigosas espãs do Japão nos Estados Unidos.

Mas o F. B. I. não costuma ter pressa e dessa vez menos do que nunca, porque desejava prender os cúmplices da viuva e avisar o «Governo argentino do verdadeiro conteúdo das caixas de bonecas que Velvalee expedia.

Finalmente, depois de reunidas todas as provas, a espia foi presa na sala dos cofres de um banco de Nova Iorque, quando se dispunha a retirar o dinheiro que ali tinha guardado: dezoito mil dólares. Encontraram-lhe mais tarde outros valores. Os ganhos que obtivera no espionagem elevavam-se a sessenta mil dólares.

UM JULGAMENTO SENSACIONAL

Mrs. Dickinson foi julgada em Julho de 1944. Era a primeira vez que uma americana incorria na pena de morte por espionagem.

Em fase das provas apresentadas contra ela, Velvalee compreendeu que era inútil fingir-se inocente e defendeu-se com a desculpa de que era uma pobre mulher viuva e só, a quem uma velhice de miséria assustara. Sim, estivera em comunicação com oficiais da Marinha japonesa, mas nunca lhes transmitira informações de importância. Acreditara

que não a descobririam, pois julgava que, usando os nomes dos seus clientes — o que fizera por várias vezes — se punha ao abrigo de qualquer suspeita. Mas na sua máquina tão bem montada houvera uma falha: o agente japonês na Argentina fora transferido sem que Mrs. Dickinson o soubesse. A carta assinada por Mary Wallace fora devolvida. E esse pormento arrelizador, esse grão de areia inoportuno, trabalhara como ajudante de enfermeira num hospital dos Estados Unidos.

Cumprida a pena, Velvalee Dickinson, que usa actualmente um nome suposto, trabalha como ajudante de enfermeira num hospital dos Estados Unidos.

— Ainda o aviso de outra coisa... É que o chefe costuma fazer a gracinha de aparecer inesperadamente por trás de nós...



AO VOLANTE

TODO O CUIDADO É POUCO!

Que o álcool seja um dos maiores perigos para a circulação, não é novidade nenhuma, embora, infelizmente, nem todas as pessoas encaram o facto com a seriedade que ele requer.

O que pouca gente sabe é que, em certos casos, também os medicamentos podem oferecer perigos a quem circula pelas ruas ou estradas com um volante nas mãos. Os efeitos de uma simples anestesia feita pelo dentista podem diminuir sensivelmente a reacção de um motorista. Muitos medicamentos provocam fadiga. Os calmantes recitados pelos médicos às pessoas nervosas atenuam a faculdade de observação e outras influências indirectas se podem juntar a estas.

Por exemplo, um simples cálice de vinho que por si só não apresenta o menor perigo, se for bebido depois de se terem tomado certos medicamentos pode ter consequências graves. Porque? Porque o álcool e o medicamento, juntos, podem provocar uma espécie de embriaguez e... conduzir ao desastre.

Em resumo: para quem conduz um carro, todo o cuidado é pouco.

MORREU ARQUIMEDDES, O SÁBIO QUE AFIRMOU: DÊEM-ME UM PONTO DE APOIO E LEVANTAREI O MUNDO!

SIRACUSA, 212 (A. C.)
O célebre matemático e inventor Arquimedes foi morto no decorrer dos combates que marcaram o fim do cerco de Siracusa pelos romanos. Um soldado que ignorava a sua identidade cravou-lhe um golpe de lança mortal. Arquimedes, que contava 75 anos, nasceu em Siracusa e estudara em Alexandria, mas passara a maior parte da existência na sua cidade natal, onde gozava de poderosa proteção. Era um homem extraordinário, tão dotado para as aplicações teóricas como para as aplicações práticas, mas não se mostrava vaidoso dos seus trabalhos científicos. No entanto, a espantosa confiança que tinha

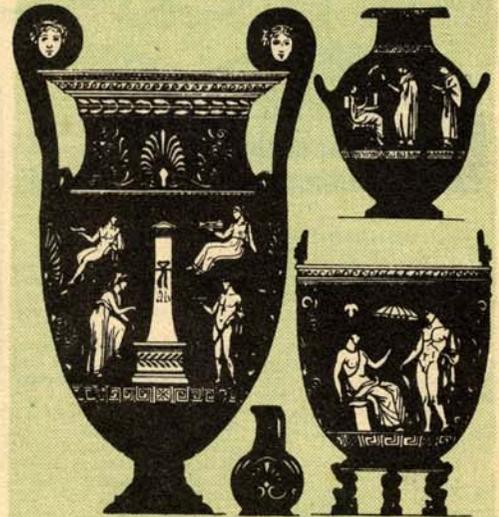
nas suas possibilidades levou-o a dizer um dia: «Dêem-me um ponto de apoio e levantarei o Mundo». Esta afirmação fora-lhe inspirada pelo estudo da teoria das alavancas. Uma das suas invenções mais úteis foi sem dúvida a de uma bomba de parafuso destinada a elevar a água. Inventou também várias máquinas de guerra, algumas das quais criaram sérias dificuldades aos romanos durante o cerco em que o sábio perdeu a vida. Descobriu ainda que um corpo mergulhado na água perde peso igual ao do volume de água que desloca. A tal respeito conta-se um caso pitoresco que bem prova

a concentração de espírito de Arquimedes quando estudava as suas teorias. No momento em que fez a descoberta a que nos acabamos de referir, encontrava-se o sábio no banho. Cheio de alegria, mas perfeitamente inconsciente do escândalo que ia causar, saiu da água e, despidido como estava, correu até ao palácio real, gritando: — Eureka! Eureka! Foi ainda utilizando os líquidos que Arquimedes pôde verificar se a coroa de rei era de ouro puro ou de uma liga de ouro e prata. Com Arquimedes perde o mundo uma das mais brilhantes inteligências de todos os tempos.

Journal de l'Antiquité - JORNAL de AMANHÃ

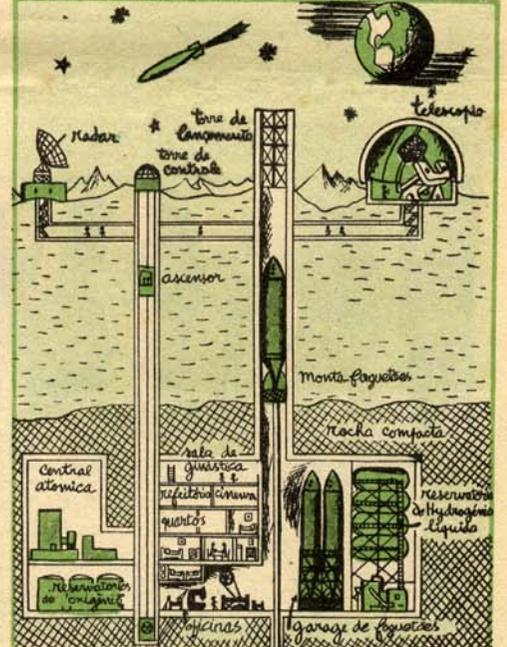
A CERÂMICA GREGA NO APOGEO

ATENAS, 336 (A. C.)
A indústria de cerâmica ateniense é hoje, sem contestação, a primeira do mundo, visto que exporta para todos os países os seus vasos, famosos pela beleza da forma e pela decoração. Em Atenas esta indústria é de uma importância primordial, pois fornece extensas possibilidades de trabalho a muita gente. O sentido da beleza inato nos gregos encontrou ocasião de se



Há grande variedade de vasos: alguns deles são vermelhos com silhuetas pintadas a negro. Noutros, as figuras apresentam-se em vermelho e o fundo é negro. Noutros, finalmente, essas figuras são finamente buriladas. Todas as figuras representam cenas da vida familiar ou pública da Grécia

manifestar no fabrico desses vasos, cujas decorações quase sempre representam cenas da vida diária em Atenas. Os artistas pintam as figuras em cores sobre as jarras e vasos, que são depois cobertos de verniz. A indústria grega da cerâmica estende a seu fabrico todos os domínios onde os recipientes são úteis. Produz assim travessas para a mesa, utensílios de cozinha, taças e vasos para ornamentação, bôides para cosméticos, grandes recipientes para conservar os alimentos e vasos para as oferendas funerárias. Outros vasos requintadamente trabalhados são destinados a serem cheios de azeite e oferecidos como prémio aos vencedores das competições atléticas. A criação e a moldagem destes vasos ocupam por vezes famílias inteiras. Algumas dessas famílias têm no domínio da cerâmica tradições que remontam a quatro e a cinco gerações.



A PRIMEIRA BASE LUNAR ACABA DE SER INSTALADA

LUA, ANO 2000
Finalmente, após anos e anos de pesquisas e trabalhos preparatórios, acaba de ser instalada na Lua a primeira base onde será possível viver e enviar foguetões a outros planetas do

nosso sistema solar. A ilustração que publicamos dará aos nossos leitores uma ideia do que são essas primeiras instalações do homem na Lua, espectacular conquista da inteligência humana.

Asterix O GUERREIRO GAULÉS

O NOSSO CHEFE BIGOPIX ESTÁ COM PANORAMIX, O DRUIDA, A SABER DA TUA VISITA!

SÉ BENVINDO, IRMÃO. ESTÁS EM TUA CASA.

AV... BU... BOM DIA!

VOU ENTOAR O CANTICO DE BOAS-VINDAS.

VAI MAS É VER SE EU ESTOU LA' FORA!

PODES PASSEAR PELA ALDEIA ATÉ À HORA DO ALMOÇO, MAS NÃO VÁS PARA MUITO LONGE.

BOM!

SEMPRE GOSTAVA DE SABER COM QUE FERRAMENTAS TRABALHAM ELES O METAL...

BRUTIX REEM EM TODOS OS GÊNEROS

BING! BONNG! CLING!

COM OS PUNHOS, POR JUPITER! COM OS PUNHOS!

ENTÃO ESSE MENIR, VEM OU NÃO VEM?

LA' VAI! LA' VAI!

NA VERDADE SÃO MUITO FORTES! PERSUNTO A MIM PRÓPRIO SE O CAIUS BONUS NÃO TEM RAZÃO. DEVE HAVER UM SEGREDO NESTA FORÇA...

O RAPTO DA CIENTISTA
CONCLUSÃO DA PÁGINA 5



ADEUS, BARRACUDA! QUE TE SIRVA DE LIÇÃO! TEM CUIDADO NÃO VOLTES A APARECER NO NOSSO CAMINHO!
FIM



PASSATEMPOS



por artes mágicas

UMA BRINCADEIRA PARA A PRAIA

Se gostam de pregar partidas, esta que vamos apresentar vai deixá-los encantados, porque é, na verdade, uma brincadeira engraçada e uma autêntica «partida».

Mas, atenção: só se pode pôr em prática na praia e já vão ver porque.

Peçam a dois companheiros de brincadeira que se estendam na areia, de costas e um no prolongamento do outro. Quando já estiverem nessa posição (vejam o desenho n.º 1) cubram de areia o peito daquele que está por cima e as pernas do outro.



Terminada esta operação, tapem com uma toalha (mas de maneira que o vosso amigo possa respirar bem) a cabeça do que está por baixo. Se quiserem, podem acrescentar ao boneco duas mangas cheias de areia, um par de luvas e até um lacinho ou gravata. Terão assim um gigante, que encherá de espanto os outros banhistas.



Se a brincadeira lhes parece interessante, podem variá-la, assim: Abram uma cova na areia e peçam a um amigo que se meta lá dentro, ficando apenas com a cabeça de fora. Tapem-lhe a cabeça com uma toalha e chamem então alguém que não tenha assistido à preparação do cenário.

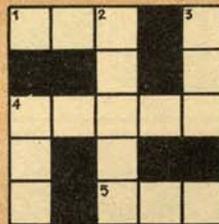
— O que é que está por baixo da toalha? — perguntarão. Garantimos-lhes que muito poucos adivinharão. Mas, adeus! Divirtam-se e até breve!

EM QUE DATA FORAM INVENTADOS?

 a) 1860 b) 1892 c) 1909	 a) 1812 b) 1890 c) 1870	 a) 1181 b) 1970 c) 1162	 a) 1781 b) 1800 c) 1871
 a) 1400 b) 1607 c) 1831	 a) 1500 b) 1700 c) 1900	 a) 1793 b) 1835 c) 1187	 a) 1200 b) 1590 c) 1762

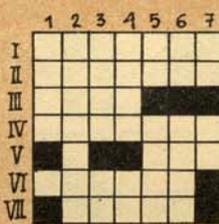
SOLUÇÃO 1. a, 2. b, 3. a, 4. b, 5. c, 6. a, 7. c, 8. b.

CROSSWORDS



- HORIZONTAIS:**
1 — AZEITE
4 — TROMBETA
5 — CUME
- VERTICAIS:**
2 — LUZ
4 — MALA
3 — ABELHA

MOTS CROISÉS



- HORIZONTAIS:**
I — Nome masculino.
II — Tunísia.
III — Rapto.
IV — Egoísta.
V — Ira.
VI — Segurança.
VII — Cidade de Espanha.

- VERTICAIS:**
1 — Lar.
2 — Enevoado.
3 — Anagrama de pavão; prefixo.
4 — Jovem parisiense; terminação dos verbos no infinito.
5 — Osso; sítio.
6 — Ele (ao contrário); muito.
7 — Vogais; vogais.



A NOTÍCIA SERÁ VERDADEIRA?

Ao ler o jornal, o sr. Silva deparou com uma notícia intitulada: «Morta de medo». Leu e, no fim, exclamou: — Isto é mentira!

A notícia contava isto, pouco mais ou menos. O casal X tinha dado um longo passeio pelo campo. Ao chegar a casa, muito fatigada, a senhora X deitou-se e adormeceu imediatamente. Sonhou então que estava ainda nas ruínas de um castelo que tinha visitado nessa tarde, que se aproximara de um precipício e que caíra, jazendo lá no fundo com os membros despedaçados. Cheia de medo, morreu imediatamente de uma paragem do coração.

O que haverá de falso nesta história?

SOLUÇÃO Se a senhora X tivesse morrido imediatamente, ninguém poderia saber o que ela sonhara.



por Henrique Mantero

Para se colocar a charneira no selo, faz-se nela uma pequena dobra em cada extremidade. Uma dessas dobras será colada no selo, muito encostada ao dentado superior, pelas costas, claro, goma com goma.



de maneira a levantarmos o selo e este ficar solto, como mostra a gravura.

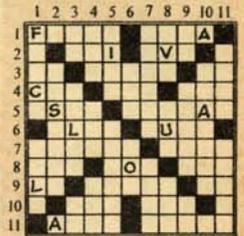
Muitos selos têm marca de água, no papel. Como houve emissões diversas de um selo, com e sem marca de água ou seja, filatelicamente, *filigrana*, cujas cotações divergem nos catálogos, há que fazer uso do *filigranoscópio*. Este é apenas um covilhete preto onde se coloca o selo. Sobre o selo deitam-se algumas gotas de benzina, a qual faz aparecer, nitidamente, a filigrana ou marca de água. Assim, sabemos qual o selo que não tem filigrana e marca pouco no catálogo e, o que tem filigrana e marca muito mais, no mesmo catálogo, ou vice-versa.



Filigranas conhecidas:

	Suíça
	Holanda
	Bélgica
	Austrália
	Cochim

À PROCURA DE UMA PALAVRA



Horizontais: 1 Discursam; cada uma das cavidades dos favos. 2 Naquela terra; bagó. 3 Sopro; gostava muito; cobalto (símbolo químico). 4 Preposição; três romanos; planta da família das teáceas. 5 Membro de ave (pl); cortar com o serrote. 6 Acólá; mau. 7 Que dura três meses; ter amor a. 8 Gemidos; ilha do mar Egeu; data. 9 O lado do vento; misturar com água; vogal (pl). 10 Pede; filtra. 11 Campeões; combinar.

Verticais: 1 Desfalçada; fibra grossa que corre ao meio das folhas da planta. 2 Conjunto de contas, que se rezam. 3 Além; calamidades; artigo (pl). 4 Lado; preposição designativa de exclusão; medida agrária. 5 Forma familiar do nome de «Maria»; ternas. 6 Gritos de dor; percento. 7 ...X...; grande saco. 8 A primeira mulher; caminho; lista. 9 Nota Musical; acto que a lei declara punível; nesse lugar. 10 Convocara. 11 Constar; medir com rasa.

Solução do número anterior



UMA FORMA PARA CADA PÉ...



A ilustração representa seis personagens antigas dos anos 1530, 800 A. C., 1650, 1830, 1450 e 1900. Naturalmente, em cada época usava-se calçado diferente. Qual será a forma para cada pé? Quem o não souber que adivinhe.

SOLUÇÃO

1 f — Lansquenet com botas de esporas, 1530; 2 c — Germana com sapatos de péto, 800 A. C.; 3 b — personagem da época barroca com sapatos de péto, 1650; 4 e — dama de 1830 com sapatos de fitas cruzadas; 5 d — fidalgo com botas; 1450; 6 a — senhora com botinas, 1900.



NA FEIRA DE CAVALOS

O Tibério foi encarregado de comprar dois cavalos para o circo, e o director recomendou-lhe que só comprasse animais absolutamente da mesma cor e com as mesmas malhas, pois precisa deles para um número especial. Tibério teve sorte: na feira havia vários cavalos malhados. Mas haverá dois absolutamente iguais?

SOLUÇÃO

O segundo cavalo da 1.ª fila e o 2.º da última.



VIAGENS em PORTUGAL



NISA

Um castelo de oiro com três torres, em campo de púrpura; sobre a torre do meio uma cruz ladeada por duas estrelas. Sobre a torre da direita, o escudo das quinas. Sobre a da esquerda, o crescente lunar. E af tén o brasão da velha Nisa, no distrito de Portalegre.

«Velha Nisa» dissemos a muito bem, porque ela é uma das

povoações mais antigas do seu distrito. Sobre a sua origem nada de positivo se pode afirmar. A verdade, porém, é que no local onde foi edificada se têm encontrado vestígios das mais remotas civilizações. Passaram por ali, estiveram ali, os romanos que deixaram muitos vestígios da sua permanência, como tijolos (lateres) mós de granito e lápidas tumulares. Os árabes também por ali andaram.

A igreja matriz de Nisa, a igreja de Nossa Senhora da Graça — como lhe chama a gente da terra — guarda no seu adro o túmulo de Frei Adão Dinis, que viveu no século XVI e teve uma história curiosa.

Frei Adão, que fora no mundo pessoa nobre e muito rica, vivia na ociosidade, «mãe de todos os vícios» e entregava-se a uma vida de pecado e dissipação. Até que um dia, abrindo os olhos à luz da verdade, viu o abismo em que se afundava e decidiu

arripiar caminho. Assim, reparou quase todas as suas riquezas com os pobres e foi viver numa cova, a poucos quilómetros de Nisa. Mas, numa visita que fez a Nisa, o famoso D. Frei Amador Arrais, que foi bispo de Portalegre, reconhecendo o seu sincero e profundo arrependimento, suavizou-lhe o voto, enviando-o para o templo de Nossa Senhora da Graça, a cujo serviço ficaria. Frei Adão obedeceu e gastou o que lhe restava da sua fortuna em adornos para o templo. Quanto a ele, vivia de esmolas andava descalço e vestia uma grosseira túnica de saragoça. Quando morreu — em cheiro de santidade — foi sepultado no adro da sua igreja.

Quem for a Nisa, decerto não volta de lá sem trazer uma peça da olaria local — a popular loiça pedrada — ou um bonito pano bordado pelas raparigas da vila, quase todas dotadas de mãos de fada.

Entre os documentos guardados na Câmara Municipal de Nisa, há um de que os seus naturais se orgulham particularmente: um foral manuelino onde o grande navegador Vasco da Gama após a sua assinatura.

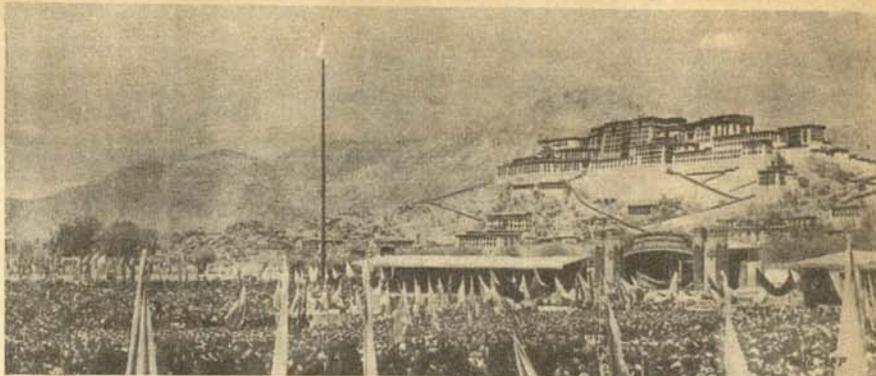
Mas Nisa não tem só reliquias do passado. A poucos quilómetros da vila, ergue-se uma grandiosa barragem que os turistas visitam sempre com admiração. E se apreciam o alegre colorido das feiras, vão, vão à de S. Miguel, que é a mais importante e do Alto Alentejo e se realiza em Outubro.

Terra boa e farta, com frescas ribeiras onde se cria peixe miúdo, muito gado e belos prados. Nisa vive em paz e na abundância, duas bênçãos de Deus. Que mais lhe será preciso!



CEU DE GLORIA

CONTINUAÇÃO DAS PÁGINAS CENTRAIS



O TIBETE

PÁTRIA MISTERIOSA DO DEUS VIVO

O Tibete de que lhes vamos falar, é aquele que o mundo conhecia antes das últimas complicações sobrevindas a aquele vasto território. É, em suma, o Tibete tradicional e milenário.

Situado em pleno coração da Ásia, com o seu milhão e meio de quilómetros quadrados (mais de 16 vezes a superfície de Portugal), quatro quintos dos quais são desertos, o país sofreu, no decorrer dos tempos, invasões e ocupações de todas as espécies (mongóis, manchus, gorkas, chineses) e só em 1912 conheceu realmente a autonomia. Muito extenso no tempo do Império (no reinado de Gung-Btsan confinava com a China, a Índia, os mongóis e os árabes), o Tibete foi razoavelmente desmantelado no princípio deste século, e hoje conta mais tibetanos fora das fronteiras do que no interior (cerca de 1 800 000 para 1 200 000).

verdade seja que o quadro em que vivem é único e incita à aproximação da Nutreza.

UMA REINCARNAÇÃO MIRACULOSA

Se os tibetanos — que os chineses conhecem há 3000 anos — eram, para estes, vizinhos barulhentos, tumultuosos, a verdade é que tal estado de coisas cessou a partir do século XV, quando Tsong-Kha-Pa, reformador do budismo (ou da Seita Amarela) fundou em 1407, a algumas léguas de Lassa, o grande mosteiro de Dga-Ldan. Dge-Hdun-Grup-Pa, seu discípulo, descendente dos antigos reis do Tibete, reuniu o poder temporal ao espiritual, e reconhecido por uma incarnação de Avalokiteçvara, um dos cinco Dyâhni-Bodhisattvas, tornou-se o primeiro Dalai-Lama.

Em 1933, morria Tub-Stan Rgyo mtsho, 13.º Dalai Lama. A tradição ordena que decorra um certo lapso de tempo — cerca de dois ou três anos — antes que a alma do defunto se reincarne no corpo de um recém-nascido.

Ora, dois anos mais tarde (1935), o regente que então governava

passou, durante uma viagem pelas margens do lago Chô-Kor-gye e teve de súbito, nas águas tranquilas, a visão de um mosteiro de lamas de telhados de ouro, da qual partia um caminho que conduzia a uma quinta de estilo diferente do usado em Lassa. Como as pesquisas efectuadas por numerosos lamas se revelassem infrutíferas, fez-se apelo ao Oráculo Oficial que, depois de ter caído em transe, designou a provincia chinesa de Tching Hai (antigo território tibetano) como terreno de investigações. Ora qual não foi a estupefação dos lamas ao descobrirem na região de Amdo uma paisagem que correspondia exactamente à descrição. Foi então que um petiz correu para eles, gritando: «Lama! Lama!».

Essa criança espantou os componentes da missão ao dizer o nome de todos os seus membros e ao reconhecer, entre diversos objectos, aqueles que tinham pertencido ao defunto 13.º Dalai Lama...

O Lama Dhondup é hoje o 14.º incarnação de Avalokiteçvara, mas deixou o seu nome verdadeiro para o usar o de... Jeisum Jampel Ngawang Lobzang Yishey Tenzing Gyatso...

O BUDA VIVO

Esta fórmula é a tradução do termo chinês Ho-Fo que designa os bonzos ou superiores dos mosteiros de lamas (conventos) cujo regresso à vida é verificado alguns anos depois da sua morte. Os mongóis chamam-lhes Koubilghan (reincarnados). Há cerca de 600 Budas vivos (no Tibete, na Mongólia e na China). O Dalai-Lama é o mais eminente e o mais célebre de todos. Todavia, estas personagens não são realmente Budas (visto que, por definição, os Budas alcançam com a morte a felicidade eterna do Nirvana, motivo por que não podem voltar à Terra). São antes Bodhisattvas («graú» imediatamente inferior na liturgia búdica). Como são chamados a tornarem-se Budas, dá-se-lhes antecipadamente essa classificação.

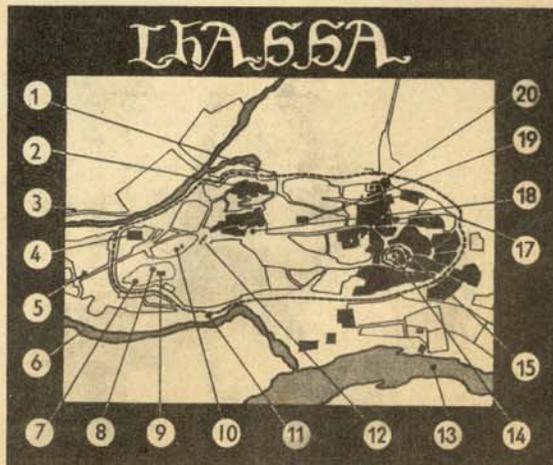
Nesse curioso país onde 80% dos habitantes trabalham para fazer viver os outros 20%, as poucas propriedades que não pertencem a esses 20% são, ou do Dalai Lama ou de uma das 150 famílias nobres que conservam desde os tempos remotos da Realeza e do Império, o seu património absolutamente intacto. O tibetano é muito religioso e a famosa fórmula sagrada «Om Mani padme oum» (salvé, joia no lótus!) encontra-se por toda a parte, nos telhados das casas, nas bandeirolas que flutuam no alto dos mastros, nas omoplatas dos animais suspensos nas árvores, nos rochedos, nas pedras e nas centenas de milhares de «moinhos de orações», de todos os tamanhos, considerados como objectos de primeira utilidade.

Se bem que o seu país seja uma imensa extensão de rochas frias e silenciosas, o tibetano é um homem alegre e bem disposto. É vê-lo no verão quando, depois de ter erguido grandes tendas nas margens dos ribeiros e das torrentes, canta e dança, conta histórias e se enche de leite de iaque fermentado! Os súbditos do Dalai Lama são de trato agradável e fazem tudo para ser prestáveis. Da sua maneira de viver desprende-se uma serenidade e uma paz como poucas vezes vemos noutras partes do mundo;

PLANO DA CIDADE DE LASSA

- «Lingkhör» (itinerário dos peregrinos): os santos homens que desejam adquirir indulgências efectuam esse percurso de gatas, com o rosto sempre voltado para o Potala (n.º 2) e andando de lado. Os outros peregrinos fazem o caminho a pé.
- Potala, residência de inverno do Dalai Lama.
- Caminho de Shingdongha e do mosteiro de Drepung.
- Mosteiro de Kun De ling.
- Estrada de Narbu Lingka (residência de verão do Dalai Lama).
- Braço norte do rio Kyi.
- Altar dos mil Budas (escul-

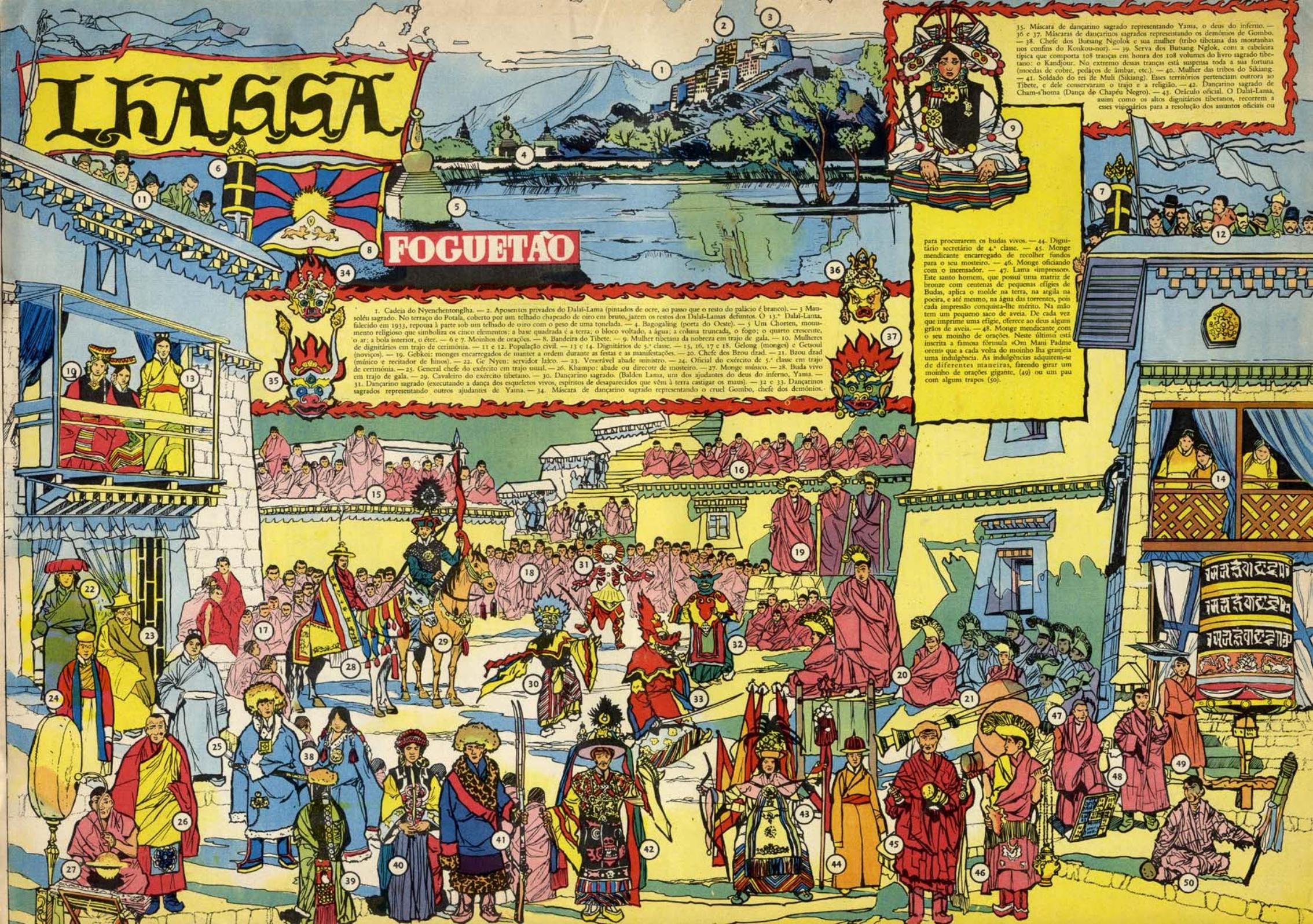
- pido na própria rocha, paragem importante do Lingkhör.
- Colina de Tchagpori.
- Escola de Medicina.
- Nascente mineral reservada ao consumo pessoal do Dalai Lama.
- Caminho.
- Bagogaling (porta do Oeste).
- Rio Kyi.
- Tsug Lag Khang (templo principal).
- Barkhor* (itinerário do pequeno Pasteio Santo).
- Central eléctrica.
- Bairro de Shö.
- Residência da família do Dalai Lama.
- Mosteiro de Ra Ma Tche.



NO PRÓXIMO NÚMERO: O CORREIO DA PRADARIA

LHASA

FOGUETÃO



1. Cadeia do Nyenchenchongla. — 2. Aposentos privados do Dalai-Lama (pintados de ocre, ao passo que o resto do palácio é branco). — 3. Mausoléu sagrado. No terraço do Potala, coberto por um telhado chapado de ouro em bruto, jazem os restos dos Dalai-Lamas defuntos. O 13.º Dalai-Lama, falecido em 1933, repousa à parte sob um telhado de ouro com o peso de uma tonelada. — 4. Bogalging (porta do Oeste). — 5. Uru Chorten, monumento religioso que simboliza os cinco elementos: a base quadrada, a água, a coluna truncada, o fogo; o quarto crescente, o ar; a bola interior, o éter. — 6 e 7. Moinhos de orações. — 8. Bandeira do Tibete. — 9. Mulher tibetana da nobreza em traje de gala. — 10. Mulheres de dignitários em traje de cerimônia. — 11 e 12. População civil. — 13 e 14. Dignitários de 5.ª classe. — 15, 16, 17 e 18. Gelong (monges) e Gecouli (noviços). — 19. Gebkoi: monges encarregados de manter a ordem durante as festas e as manifestações. — 20. Chefe dos Brou dzad. — 21. Brou dzad (músico e recitador de hinos). — 22. Ge Nyen: servidor lírico. — 23. Venerável abade ministro. — 24. Oficial do exército de 4.ª classe em traje de cerimônia. — 25. General chefe do exército em traje usual. — 26. Khampo: abade ou director de mosteiro. — 27. Monge músico. — 28. Buda vivo em traje de gala. — 29. Cavaleiro do exército tibetano. — 30. Dançarino sagrado. (Balden Lama, um dos ajudantes do deus do inferno, Yama. — 31. Dançarino sagrado (executando a dança dos esqueletos vivos, espíritos de desaparecidos que vêm à terra castigar os maus). — 32 e 33. Dançarinos sagrados representando outros ajudantes de Yama. — 34. Máscara de dançarino sagrado representando o cruel Gombo, chefe dos demônios.

para procurarem os budas vivos. — 44. Dignitário secretário de 4.ª classe. — 45. Monge mendicante encarregado de recolher fundos para o seu mosteiro. — 46. Monge oficiando com o incensador. — 47. Lama «impressor». Este santo homem, que possui uma matriz de bronze com centenas de pequenas efígies de Budas, aplica o molde na terra, na argila na poeira, e até mesmo, na água das torrentes, pois cada impresso conquista-lhe mérito. Na mão tem um pequeno saco de aveia. De cada vez que imprime uma efígie, oferece ao deus alguns grãos de aveia. — 48. Monge mendicante com o seu moinho de orações. Neste último está inscrita a famosa fórmula «Om Mani Padme om» que a cada volta do moinho lhe granjeia uma indulgência. As indulgências adquirem-se de diferentes maneiras, fazendo girar um moinho de orações gigante, (49) ou um pau com alguns traços (50).

35. Máscara de dançarino sagrado representando Yama, o deus do inferno. — 36 e 37. Máscaras de dançarinos sagrados representando os demônios de Gombo. — 38. Chefe dos Butsang Ngolok e sua mulher (tribo tibetana das montanhas nos confins do Konkou-nor). — 39. Serva dos Butsang Ngolok, com a cabeleira típica que comporta 108 tranças em honra dos 108 volumes do livro sagrado tibetano: o Kandjur. No extremo dessas tranças está suspensa toda a sua fortuna (mocas de cobre, pedaços de âmbar, etc.). — 40. Mulher das tribos do Sikiang. — 41. Soldado do rei de Muli (Sikiang). Esses territórios pertenciam outrora ao Tibete, e dele conservaram o traje e a religião. — 42. Dançarino sagrado de Cham-homa (Dança do Chapão Negro). — 43. Oráculo oficial. O Dalai-Lama, assim como os altos dignitários tibetanos, recorrem a esses vispatrios para a resolução dos assuntos oficiais ou

BP
SUPLEMENTO DO FOGUETÃO
BIBI
N. 5 JULHO - 13-7-1961



O CIRCUITO FANTÁSTICO

por JEAN GRATON

ESTÁ LÁ?... A ADMINISTRAÇÃO DA MERCEDES ESTÁ OCUPADA QUERO FALAR COM NEUBAUER!

DEPOIS DE MERCEDES, LOUIS LA TOUR ACABA DE EXPLICAR O SEU PLANO A PORSCHE...
ÓPTIMO!... NEUBAUER VAI FALAR A SUA ADMINISTRAÇÃO E A PORSCHE ESTÁ D'ACORDO!... SIM! VANWALL? EXACTAMENTE... BOM DIA, SR. VANDERVELL!

UM QUARTO DE HORA MAIS TARDE...
PRONTO! SO FALTA DITAR AS CARTAS!

DEVE SEGUIR TUDO ESTA TARDE!... E NÃO SE ENGANE!

AQUI ESTÁ UM NEGÓCIO BEM CONDUZIDO! DIRIGIR UM JORNAL DEVE SER APAIXONANTE!

E ESTAFANTE!!! MAS NÃO ME QUEIXO... AFINAL, MIGUEL, QUANDO É QUE TE CONTRATO PARA A MINHA REDACÇÃO?

VONTADE NÃO ME FALTA! MAS NÃO POSSO ENCARREGAR-ME DUMA RUBRICA DE CARROS, SENDO EU PRÓPRIO CONSTRUTOR...

ABANDONA OS CARROS! PARTE COMO REPORTER ATRAVÉS DO MUNDO QU...

CHEGA, LOUIS! PRECISO AINDA DO RAPAZ PARA CONDUZIR OS MEUS PEQUENOS CARROS, NÃO LHE METAS NA CABEÇA IDEIAS DE GLOBE TROTTER!

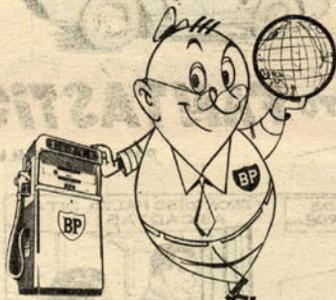
OK, GUSMÃO! PORTANTO, D'ACORDO PARA O DIA 24. ESTOU A TUA DISPOSIÇÃO SEJA PARA O QUE FOR!

OBRIGADO! RESERVA JÁ A TUA 1ª PAGINAL!... ATÉ BREVE!

E NA MANHÃ DE 24 DE OUTUBRO OS RAPAZES QUE BRINCAM NA PRAÇA LOUVOIS, DE PARIS...
ÉH RAPAZIADA! FORMIDAVEL! VENHAM VER AS "ESPADAS" QUE CHEGARÃO AO "LOUVOIS"...

COM BREITO, EM FRENTE DA PORTA DO HOTEL, ACABAVAM DE ALINHAR OS MAIS FAMOSOS CARROS DE TURISMO.

VROOP VROOP



LIÇÕES DO PINGUINHAS

à autenticidade da sua obra teatral, chegando a ser encarada a hipótese de Shakespeare ter sido apenas o «nome» de uma obra que não foi escrita por ele.

Nos nossos tempos aceita-se a sua existência como dramaturgo e verdadeiro autor dessas obras, não obstante as hipóteses contrárias.

A vida de Shakespeare foi aventurosa e variada e infeliz o seu casamento com Anna Hathaway. Como seus pais eram pobres, o escritor começou por ser criado numa estalagem até ao dia em que seguiu, até Londres, em companhia de comediantes ambulantes.

Em Londres foi sucessivamente actor, contra-regra, e adaptou alguns textos. Em 1591 decidiu-se a escrever o seu primeiro original, utilizando um tema histórico, como era hábito da época. Mas, em comparação com os autores do tempo, o jovem Shakespeare escreveu uma obra mediocre. No entanto notava-se já o nascer do seu génio.

Em 1595 a sua tragédia «Romeu e Julieta» levou-o até ao sucesso e à glória. Durante



O GRANDE SHAKESPEARE

FOI em 23 de Abril de 1564 que nasceu em Stratford-on-Avon (Inglaterra) um indivíduo baptizado com o nome de William, que veio a ser um dos maiores dramaturgos de todos os tempos.

Morreu em 1616, no próprio dia em que comemorava o seu 52.º aniversário, legando à humanidade uma obra notabilíssima que venceu o tempo e chegou intacta e cheia de sentido teatral e humano até aos nossos dias.

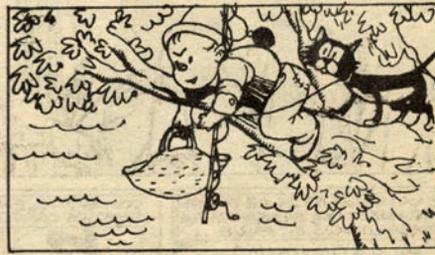
Várias teorias têm sido levantadas quanto

20 anos produziu regularmente, cada ano, vários dramas e comédias. Algumas das suas peças, especialmente «Hamlet», «Otelvo», «O mercador de Veneza», «Macbeth», «O rei Lear», etc., contam-se entre as maiores obras de teatro de todos os tempos.

Rico, festejado, protegido pelos favores reais de Isabel I e de Jaime I, Shakespeare retira-se em plena glória para a sua cidade natal, onde morreu cinco anos mais tarde vítima por um mal misterioso. A sua obra

imensa ficou esquecida durante dois séculos, até ao dia em que foi de novo representada e retomou o seu lugar de honra donde nunca mais foi retirada. As personagens shakespearianas transformaram-se em tipos clássicos e universais e têm sido representadas em todas as línguas do mundo, mas a vida do poeta, sujeita às mais variadas polémicas, continua, ainda hoje, envolta numa atmosfera quase lendária. O que conta afinal é a herança literária que nos deixou.

QUANDO FORES PARA FÉRIAS NÃO TE ESQUEÇAS DE LEVAR O PASSE BP DE TURISMO





BP apresenta BOP VAI PARA FÉRIAS

A BP vai apresentar nas próximas sessões de cinema «Bip-Bip»

3 FILMES SENSACIONAIS!

«GIUSEPPINA»



Um filme BP em Technicolor que pela sua excepcional qualidade alcançou o «Oscar» da Academia de Artes e Ciências de Hollywood de 1960. É a história simples de uma rapariga que, num Domingo, vê passar na estrada os representantes da humanidade — casos reais de onde o humor não está ausente.

«ESCOLHERAM O MAR»



Um dos últimos filmes BP chegados a Portugal. É a história de três rapazes que, entre todas as profissões que a vida lhes proporcionava, escolheram o mar para o seu futuro.

O filme conta o seu encontro com o mar, numa viagem que começa na Escócia e termina na Pérsia. O filme é fotografado em Eastmancolor e dobrado em Português.

«O CAMINHO A SEGUIR»



Que devem fazer os jovens que desejam vir a ser os grandes corredores de motocicleta de amanhã? Este filme BP dá esses conselhos, através de filmagens directas dos grandes circuitos mundiais da modalidade, transformando-se num poderoso documentário de corridas, pleno de interesse e emoção.

A película, falada em português, é também colorida.



BOP detesta insectos! Mosca ou mosquito que o aborrega já sabe que tem os minutos contados... Bop enche o peito de ar, sopra forte e acabou-se! Foi mesmo por isso que ele resolveu fazer as malas e abalar para férias. Farto de matar insectos estava ele! Era preciso descansar uns tempos e recompor as energias, porque férias há poucas e moscas há muitas! Também que ideia tinha ele tido: matar insectos! Se já se vira alguma vez! Mas o que era certo é que isso lhe tinha trazido prestígio, dinheiro e fama. Em toda a parte se dizia: «Não há como o Bop para nos livrar das moscas!» E ele bem sabia que era verdade!



Armado e equipado, Bop partiu para a montanha. Ia fazer campismo, o seu sonho de sempre! Uma boa barraca, apetrechos e mantimentos para umas semanas e uma rica cama de rede, para repouso, que iria fazer as suas delícias... E foi assim que tudo começou!

Bop armou o seu acampamento, deitou-se na cama de rede e dispôs-se a dormir... Primeiro foi uma mosca! Chegou súbitamente e pôs-se a fazer Zzzzzz... Bop abriu um olho... depois o outro... mas a mosca, que o conhecia escapou-se. «Eh! colegas! Temos aqui o Bop! E se nós vingássemos a morte das nossas irmãs!» Foi um grito de alarme! As moscas todas ao ouvirem falar em Bop, saltaram das folhas e dos troncos, pularam das flores e, em filas certinhas, tomaram a ofensiva e dirigiram-se em bando para a rede onde Bop, livre de cuidados, principiava a dormir.

Foi um ataque súbito! Bop, meio ensonado, saltou da rede e correu para a barraca que fechou rapidamente. Nem ali o deixavam, as malditas! Mas ele estava de férias e tinha prometido a si próprio não matar nem uma mosca!

Os insectos assentaram arraiais. Desta vez Bop não escaparia!

Durante toda a noite rodearam a barraca e puseram sentinelas prontas a darem o alarme. Os moscardos, reunidos em congresso, afirmaram a sua decisão de darem cabo do Bop, o inimigo n.º 1 da sua raça! As moscas, contentíssimas, aplaudiram!

E o pobre Bop, preso à sua palavra, continuava metido lá dentro, à espera nem ele sabia bem de quê. Numa certa altura resolveu deitar o nariz de fora para ver como estava o ambiente. Mas logo a vespa da guarda investiu contra o seu nariz, deixando-o num mísero estado.

Bop, furioso, começou a encher o peito de ar... Aquilo já era fazer pouco! Elas que não se metessem com ele, senão...

Entretanto mensageiros seguiam pela montanha fóra a dar a boa nova. Bop estava prisioneiro das moscas, dos moscardos e das vespas numa barraca lá no alto!

D. Melga afoi o seu ferrão chamou a sua numerosa família e todos meteram asas ao caminho. Os mosquitos largaram o seu pântano favorito onde estavam a banhos e foram juntar-se às tropas de ataque, enquanto a Dona Aranha deixava o seu «crochet» e descia lesta para o campo de batalha.

As formigas cerraram fileiras e transportaram os mantimentos para as tropas.

Para Comandante-em-Chefe foi escolhido o General Zangão que, com ar de zangado, proclamou «Finalmente! Unindo todas as ra-

ças dos insectos, venceremos o inimigo Bop e livramo-nos desta praga que nos caiu em cima!»

Quando amanheceu um autêntico campo de batalha rodeava a barraca de Bop. As melgas e as vespas já se tinham encarregado de destruir a rede que jazia no chão em pedaços.

Ao grito «À guerra!» as formigas começaram abrindo túneis por debaixo da barraca para uma ofensiva pela retaguarda. As vespas e as melgas, com os seus ferrões, investiam contra a lona e os mosquitos procuravam pequenos orifícios por onde penetrarem...

Ao sentir o ataque, Bop encheu mais o seu peito... e mais... e mais... E, de repente, abrindo a barraca, despejou sobre as guardas avançadas o seu jacto mortífero que as liquidou logo... Mas as tropas de reservas fizeram linha «Ao ataque!»! Os mosquitos lançaram-se com força e zumbindo. Mas também eles calaram!

Cinco minutos foram suficientes! Todo o «exército» jazia morto pelo chão e o que restava fugia em debandada.

Sózinho, no ambiente agora calmo, Bop sorriu. Para que se metiam com ele! Nem as férias podia ter descansado!

... Mas os insectos tinham desaparecido de todo. Agora apenas uns cantos de aves saudavam o ar da manhã. E Bop viu que, realmente, agora é que as férias iam começar...



O CIRCUITO FANTÁSTICO



NO HALL DO HOTEL, HENRIQUE GUSMÃO, ACOMPANHADO DE LOUIS LATOUR, RECEBE OS DELEGADOS DAS FIRMAS CONVOCADAS PARA A CONFERÊNCIA.



DEPOIS EFECTUOU-SE A REUNIAO...

MEUS SENHORES! FOI POR INICIATIVA DO NOSSO AMIGO GUSMÃO QUE OS CONVIDEI PARA ESTA CONFERÊNCIA! PASSO-LHE IMEDIATAMENTE A PALAVRA, PARA QUE ELE EXPONHA OS SEUS PROJECTOS!



HENRIQUE GUSMÃO COMEÇOU...

CAROS AMIGOS!...DEPERANTE O PERIGO QUE REPRESENTA PARA AS NOSSAS INDUSTRIAS A LUTA DESPORTIVA E COMMERCIAL QUE OS AMERICANOS E RUSSOS VAO TRAVAR, PROPONHO-VOS UNIRMOS OS NOSSOS ESFORÇOS! CONTRA O ENORME ESFORÇO SOVIETICO E AS IMENSAS POSSIBILIDADES DOS AMERICANOS, TENHO A NÓS A EXPERIENCIA, A NOSSA QUALIDADE E DIRELHE MÊMO: O NOSSO TALENTO!



OS PILOTOS AMERICANOS SAO CRIANÇAS GRANDES, MAS CORAJOSAS! AO VOLANTE DE POSSANTES CARROS, CORREM OS MAIORES RISCOS!



OS PILOTOS RUSSOS, COMO SABEMOS, SAO SUJEITOS, A UMA DISCIPLINA E PREPARAÇÃO FERREAS. EM CONTRA-PARTIDA NÓS TEMOS A INTELIGENCIA E O TALENTO DOS NOSSOS PILOTOS!

GOSTAVA QUE ESGUERCÉSSEMOS AS NOSSAS RIVALIDADES PESSOAIS. DEVEMOS VENCER NÃO SO NO PLANO EUROPEU, MAS NO PLANO MUNDIAL!... É NECESSARIO QUE OS NOSSOS PILOTOS FORMEM UMA EQUIPE FRATERNAL, UNINDO A SUA SABEDORIA E LUTANDO EM CONJUNTO PELA CAUSA COMMUN: A SUPREMACIA DO CARRO EUROPEU!



TODDO O AUDITÓRIO ESCUTA COM INTERESSE A EXPOSIÇÃO DO CONSTRUTOR, QUE PROSEGUE...



PROPONHO OPORMOS AOS DOIS GRANDES LIMA EQUIPE COMPOSTA DE UM REPRESENTANTE DE VARIAS NAÇÕES EUROPEAS!... EM CATEGORIA SE VAI DISPUTAR ESTA CORRIDA OS AMERICANOS PROCEM A PISTA, OS RUSSOS QUEREM A ESTRADA. PONHAMO-LOS DE ACORDO PROPONDO-LHES UM DESAFIO EM TRES MODALIDADES:

- 1º- PROVA DE GRANDE TURISMO E, PARA ISSO, PENSO NA ARGENTINA.
- 2º- PROVA DE RESISTENCIA PARA CARROS DE SPORT: 24 HORAS DE MANS.
- 3º- PROVA DE VELOCIDADE, FORMULA 1, EM NURBURGRING, REIMS OU MONZA.



TODOS NÓS TEMOS CARROS ADPTOS PARA ESTAS PROVAS! OS NOSSOS CARROS SERAO VERDES E BRANCOS, MAS UMA FACHA COLORIDA INDICARA A NACIONALIDADE DO PILOTO.



TEMOS QUE ENCONTRAR PILOTOS QUE TENHAM FE NO PAPEL QUE VAO DESMPENHARE E QUE POSSUAM ESPIRITO EUROPEU!



VEJO QUE ME COMPREENDERAM! OS NOSSOS DESTINOS ESTAO LIGADOS! OFERECMO QUE PODEREMOS EMPREGAR EM COMMUN, QUANTO AOS NOSSOS SEGREDOS DE FABRICAÇÃO: TRAVES, FARIOS ELECTRONICOS... E ENTÃO SERA FACIL PROVAR AO MUNDO INTEIRO QUE LHES OFERECEMOS OS MELHORES CARROS!